

# AS AFINIDADES DE NORBERTO BOBBIO

Perry Anderson

Tradução: Heloisa Jahn

No início de 1848, às vésperas da revolução européia, publicaram-se em Londres, com um intervalo de poucas semanas, dois textos antitéticos. Um era o *Manifesto Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels. O outro era *Principles of Political Economy*, de John Stuart Mill. O primeiro fazia a famosa declaração de que o espectro do comunismo rondava a Europa e em pouco tempo haveria de apossar-se dela. O segundo, valendo-se da mesma linguagem com uma dose um pouco menor de segurança, só que no sentido inverso, descartava as experiências socialistas como pouco mais que quimeras que jamais assumiriam forma real enquanto substitutos viáveis para a propriedade privada<sup>1</sup>. Hoje, essa antítese não apresenta maior surpresa para nós. Há muito o liberalismo e o socialismo são vistos convencionalmente como tradições intelectuais e políticas antagônicas; há boas razões para tanto, considerando-se a aparente incompatibilidade de seus pontos de partida teóricos — individual e social, respectivamente — e a efetiva crônica dos conflitos, muitas vezes mortíferos, entre os partidos e movimentos inspirados por um e outro. Não obstante, no momento mesmo em que essa contenda histórica surgiu, verificou-se um estranho curto-circuito na trajetória do próprio Mill. Os levantes dos pobres urbanos nas principais capitais da Europa e os combates sangüinários que se seguiram evocaram uma cálida solidariedade em Harriet Taylor, objeto de seus afetos. Mill, subitamente receptivo, pôs-se a estudar doutrinas em favor da propriedade comum e pouco depois — na realidade exatamente no mesmo trabalho, *Principles of Political Economy*, em sua edição revista de 1849 — declarava que a visão dos socialistas como um todo era "um dos elementos mais valiosos do progresso humano existentes na atualidade"<sup>2</sup>. Poucas vezes um raciocínio político fundamental inverteu-se tão depressa e tão radicalmente. Desde esse momento, Mill passou a considerar-se um liberal e um socialista; como

Este artigo foi traduzido da *New Left Review*, nº 170, July-August, 1988.

(1) *Principles of Political Economy*, Londres 1848, Vol. I, p. 255. O juízo de Mill referia-se aos esquemas saint-simonianos, que — como ele explicou — considerava a forma mais séria de socialismo. Em sua autobiografia, usou a mesma expressão para sua visão inicial de qualquer socialismo, que só podia ser "visto como quimérico": *Autobiography*, Londres 1873, p. 231.

(2) *Principles of Political Economy*, Londres 1849, Vol. I, p. 266. Dentre as diversas versões de socialismo, Mill nesse momento concluiu que o fourierismo era a variante mais engenhosa e formidável, opinião que manteve até o fim da vida. Sobre a diferença entre a primeira e a segunda edição de sua obra, Mill escreveu mais tarde: "Na primeira edição as dificuldades do socialismo eram apontadas com tanta intensidade que, no todo, havia um tom de oposição a ele. A seguir, durante um ano

afirmou em sua *Autobiography*, "Passamos a considerar que o problema social do futuro era como associar a mais ampla liberdade individual de ação a uma propriedade comum das matérias-primas do planeta e a uma participação igual de todos benefícios do trabalho conjunto"<sup>3</sup>. Defendeu a Comuna de Paris e morreu durante a elaboração de um livro sobre o socialismo que, esperava ele, seria mais importante que seu estudo do Governo Representativo.

*Os liberais diante do socialismo*

Embora surpreendente, a evolução de Mill poderia ser julgada idiossincrática ou isolada. Mas não era: teria sucessores ilustres. O mais famoso filósofo da Inglaterra bisou sua trajetória. Em 1895, depois de uma viagem de estudos a Berlim, Bertrand Russell escreveu o primeiro estudo em idioma inglês sobre a social-democracia alemã, o partido que liderava a Segunda Internacional. Embora suas simpatias, inquestionavelmente, estivessem com os objetivos mais moderados do SPD, "o ponto de vista a partir do qual escrevi o livro foi o de um liberal ortodoxo"<sup>4</sup>, observou ele 70 anos mais tarde. Naquela época, Russell criticava o que denominava "ilimitada democracia" do Erfurt Programme do partido, e receava possíveis "experiências tolas e desastrosas" decorrentes da não modificação do programa com o objetivo de respeitar "as desigualdades naturais"<sup>5</sup>. Duas décadas depois, também ele havia modificado por completo e permanentemente sua maneira de pensar. Suas concepções foram alteradas pela I Guerra Mundial, como as de Mill haviam sido por 1848. A obra que planejara escrever juntamente com D.H. Lawrence, *Principles of Social Reconstruction*, publicada em 1916, embora contivesse críticas violentas ao Estado, à propriedade privada e à guerra, nem por isso deixou de ser julgada insuficientemente intransigente por Lawrence, que na época clamava por uma "revolução" que efetuassem "a nacionalização de todas as indústrias e meios de comunicação, bem como da terra — tudo de um só golpe"<sup>6</sup>. O livro seguinte de Russell, porém, *Proposed Roads to Freedom*, escrito na prisão, onde cumpria pena por agitação contra a guerra, era uma discussão em ampla escala do marxismo, do anarquismo e do sindicalismo, com uma conclusão inequivocamente favorável ao socialismo das guildas, que considerava "o melhor sistema exequível" — a forma de propriedade comum que melhor conduziria à liberdade individual, em contraposição aos perigos de algum Estado excessivamente poderoso<sup>7</sup>.

Outro contemporâneo eminente que fez a mesma transição foi o economista J.A. Hobson. Mais conhecido, em geral, por sua obra sobre o *Imperialismo* (devido a sua utilização e crítica por Lenin, em sua própria obra posterior sobre o assunto), Hobson era um liberal inglês convicto quando publicou o trabalho em 1902. Suas posições iriam se alterar, mais uma vez, devido à I Guerra Mundial. Por volta de 1917, com efeito, ele estava atacando a social-democracia da Europa ocidental pela esquerda, escrevendo: "A arremetida patriótica do socialismo em todos os países no verão de 1914 é o testemunho mais convincente possível de sua inadequação à tarefa de derrubar o capitalismo"<sup>8</sup>. Depois da guerra, Hobson dedicou suas melhores energias ao desenvolvimento de uma teoria da economia socialista que combinasse as exigências estruturais de produção padronizada para o atendimento das necessidades básicas às condições setoriais para a liberdade individual e inovação técnica. Enquanto isso, o economista do subconsumo, cuja

ou dois, muito tempo foi dedicado ao estudo dos melhores escritores socialistas do Continente, bem como à meditação e à discussão de todo o conjunto de tópicos envolvidos na controvérsia: e o resultado foi que a maior parte do que fora escrito sobre o assunto na primeira edição foi cancelado e substituído por argumentos e reflexões de caráter mais avançado". *Autobiography*, pp. 234-235.

(3) *Autobiography*, p. 232.

(4) *German Social-Democracy*, Londres, 1965 (reedição), p. V.

(5) *Ibid.*, pp. 141-143, 170.

(6) Ronald Clark, *The Life of Bertrand Russell*, Londres, 1975, p. 263.

(7) *Proposed Roads to Freedom*, Londres 1919, pp. xi-xii, 211-212: "A propriedade comunal de terra e capital, que constitui a doutrina característica do socialismo e do comunismo anarquista, é um passo necessário para a remoção das mazelas de que sofre o mundo atualmente e a criação de uma sociedade tal que qualquer homem humano tem que desejar ver realizada".

(8) *The Fight for Democracy*, Manchester, 1917, p.9.

influência Keynes admitiu em *The General Theory*, dedicava-se a escrever um trabalho intitulado *From Capitalism to Socialism*<sup>9</sup>.

Os Estados Unidos comparecem com um último exemplo. Lá, também, a maior cabeça filosófica do país, John Dewey, um liberal resoluto e sem rodeios ao longo de toda a sua extensa carreira, seguiu o mesmo caminho. Em seu caso foi a Grande Depressão, e não a I Guerra Mundial<sup>10</sup>, o fator a conduzi-lo a conclusões incisivas. No livro *Liberalism and Social Action*, publicado em 1935, Dewey — observando a ausência histórica, na América, do momento benthamista, enquanto oposto ao momento lockeano, do que ele considerava o legado histórico liberal — denunciou frontalmente as ortodoxias do *laissez-faire* como sendo "apologéticas do atual regime econômico", mascarando suas "brutalidades e injustiças". E foi mais longe, escrevendo em plena época do New Deal: "O controle dos meios de produção pelos poucos que detêm sua posse legal funciona como uma força permanente de coerção da maioria" — e essa coerção, garantida pela violência física, era "especialmente recorrente" nos Estados Unidos, onde, em épocas de alterações sociais em potencial, "nossa adoração verbal e sentimental pela Constituição, com suas garantias das liberdades civis de expressão, publicação e reunião, imediatamente se exacerba". Dewey via uma única solução histórica para a tradição que continuava a defender: "A causa do liberalismo estará perdida se não estiver preparada para socializar as forças de produção atualmente existentes", declarou ele, mesmo — caso necessário — que fosse obrigada a recorrer à "força inteligente" para "subjugar e desarmar a minoria recalcitrante". Os objetivos do liberalismo clássico estavam a exigir a instalação do socialismo. Porque "a economia socializada é a maneira de obter-se o livre desenvolvimento individual"<sup>11</sup>.

É oportuno evocar esses exemplos ilustres hoje, porque, depois de um longo intervalo, estamos presenciando uma nova leva bastante significativa de tentativas de sintetizar tradições liberais e socialistas. Os últimos trabalhos de C.B. Macpherson, especialmente *The Life and Times of Liberal Democracy*, vêm imediatamente à lembrança. A estudada ambiguidade de *Theory of Justice*, de John Rawls, pode ser lida — e foi, por alguns — como estabelecendo os fundamentos filosóficos de um projeto similar. Robert Dahl é mais explícito em suas intenções; há algum tempo ele advoga não apenas o pluralismo político como também a democracia econômica. Uma geração mais jovem de escritores anglo-americanos produziu uma série de trabalhos, de diferentes índoles e objetivos, mas comparáveis em suas inspirações políticas: *Models of Democracy*, de David Held, e *Politics of Socialism*, de John Dunn, na Inglaterra; *On Democracy*, de Joshua Cohen e Joel Roger, e *Capitalism and Democracy* de Samuel Bowles e Herbert Gintis, nos Estados Unidos. Na França, Pierre Rosanvallon, entre outros, procurando recuperar as tradições liberais para a Nova Esquerda, recolocou em discussão a relevância moderna não apenas de De Tocqueville como também de Guizot<sup>12</sup>.

### 1. Bobbio: formação, carreira

Nessa paisagem atual existe um personagem de importância política e moral destacada, o filósofo italiano Norberto Bobbio<sup>12a</sup>. Embora ele seja, provavelmente, o mais influente teórico político de seu próprio país, e também conte com um amplo público na Espanha e na América Latina, até agora Bobbio manteve-se

(9) A discussão de Hobson tanto das razões a favor como dos limites para a socialização dos meios de produção tem uma nota surpreendentemente moderna: ver *From Capitalism to Socialism*, Londres, 1932, pp. 32-48.

(10) Dewey, depois de opor-se inicialmente à entrada dos Estados Unidos na guerra, aderiu a Wilson em 1917 — contra os amargos protestos de alguns discípulos devotados, como Randolph Bourne. O elenco de seu *German Philosophy and Politics* (1915) evoca em vários aspectos o de Thomas Mann no antitético *Reflexões de um Homem Não Político* (1918), pelo outro lado. Nele, Dewey — aproximando-se dos famosos presságios de Heine — procurou associar o idealismo alemão ao militarismo alemão, enquanto contrários a um Experimentalismo americano próprio da democracia dos Estados Unidos. Esse *Kulturpatriotismus* viu-se limitado até certo ponto pelo repúdio final de Dewey de toda a "filosofia da soberania nacional isolada" e por seu apelo à criação de uma legislatura internacional que estivesse por trás dela. Na década de 20 as viagens de Dewey a países distantes dos Estados Unidos contribuíram substancialmente para a ampliação de suas simpatias políticas.

(11) *Liberalism and Social Action*, in John Dewey, *The Later Works, 1925-1953*, Vol. XI, Carbondale-Edwardsville, Illinois, 1987, pp. 22, 46; 61-62, 63.

(12) Observe-se a proximidade das datas: John Rawls, *A Theory of Justice*, Cambridge, Mass., 1971; C.B. Macpherson, *The Life and Times of Liberal Democracy*, Oxford, 1977 — depois: Joshua Cohen e Joel Rogers, *On Democracy*, Nova York, 1983; John Dunn, *The Politics of Socialism*, Cambridge, 1984; Robert Dahl, *A Preface to Economic Democracy*, Berkeley, 1985; Pierre Rosanvallon, *Le Moment Guizot*, Paris, 1985; Samuel Bowles e Herbert Gintis, *Democracy and Capitalism*, Nova York, 1986; David Held, *Models of Democracy*, Cambridge, 1987.

relativamente pouco conhecido no mundo anglo-saxônico. É de se esperar que a recente tradução para o inglês de duas de suas obras mais importantes — *Which Socialism?* e *The Future of Democracy* — altere essa situação<sup>13</sup>. Toda reflexão sobre as relações entre liberalismo e socialismo necessita levar em consideração de modo central a obra de Bobbio. Para entender essa afirmação, porém, é preciso que se diga alguma coisa sobre a experiência de vida que está por trás da obra.

Norberto Bobbio nasceu em 1909, no Piemonte, e cresceu em um "ambiente burguês-patriótico", em suas próprias palavras, entre "aqueles que haviam resistido ao fascismo e aqueles que se haviam inclinado diante dele". Inicialmente cedeu à influência de Gentile, filósofo do regime, e no princípio não rejeitou a ordem de Mussolini<sup>14</sup>. Seus estudos começaram por filosofia política e jurisprudência na Universidade de Turim, entre 1928 e 1931. Naquele tempo, recorda, os nomes de Marx e do marxismo eram desconhecidos na sala de aula — menos por estarem oficialmente banidos que por serem julgados intelectualmente mortos e enterrados — e a própria concepção de Bobbio formou-se, em ampla medida, a partir do historicismo de Croce, como a de muitos de sua geração. Na mesma época, seu professor de filosofia da lei, Gioele Solari, tentou desenvolver um "idealismo social" que também se inspirava em Hegel, mas que era mais progressista que a doutrina croceana em suas afinidades políticas. Em seu devido tempo, depois de fazer uma tese de doutorado sobre a fenomenologia alemã, Bobbio, aos trinta e poucos anos, passou a fazer parte de um círculo intelectual de Turim que era acentuadamente liberal em suas convicções — descendendo diretamente da memória de Piero Gobetti. Esse ambiente forneceu o núcleo piemontês de *Giustizia e Libertà*, a organização antifascista fundada pelos irmãos Rosselli na França. Quando a organização foi vitimada por uma investida policial em 1935, Bobbio passou um curto período na prisão como simpatizante. Depois de libertado, lecionou nas universidades de Camerino e em seguida Siena, antes da II Guerra Mundial. Lá, integrou-se ao movimento liberal-socialista formado em 1937 por Guido Calogero e Aldo Capitini, dois filósofos da Scuola Normale de Pisa. Em 1940 transferiu-se para a Universidade de Pádua, que iria tornar-se o mais importante núcleo da Resistência no Vêneto. No outono de 1942, contribuiu para a fundação do *Partito d'Azione*, a ala política da Resistência para a qual convergiram o *Giustizia e Libertà* e o movimento liberal-socialista. Na qualidade de membro do Comitê para a Libertação Nacional do Vêneto, Bobbio foi preso pela segunda vez pelo regime de Mussolini em dezembro de 1943; três meses depois, foi solto<sup>15</sup>.

No ano seguinte, enquanto o norte da Itália ainda era palco de lutas feroces, Bobbio publicou um curto trabalho polêmico intitulado *A Filosofia do Decadentismo — Um Estudo do Existencialismo*<sup>16</sup>. Esse texto, uma denúncia veemente do aristocratismo e do individualismo de Heidegger e Jaspers em nome de um humanismo democrático e social, denota claramente o impacto que teve sobre ele o movimento trabalhista — principal força da Resistência no norte. Mais tarde Bobbio explicaria: "Abandonamos o decadentismo, que era a expressão ideológica de uma classe em declínio, porque estávamos participando do esforço e das esperanças de uma nova classe". E prosseguiu: "Estou convencido de que, se não tivéssemos aprendido com o marxismo a ver a história do ponto de vista dos oprimidos, adquirindo uma nova e imensa perspectiva do mundo humano, não teria havido salvação para nós"<sup>17</sup>. Quando falava assim, Bobbio estava descrevendo uma reação muito disseminada entre a plêiade de intelectuais mais jovens que haviam aderido ao *Partito d'Azione*. Ele próprio era "um dos que acreditavam na força irresistível do partido comunista daquele momento em diante"<sup>18</sup> e espera-

(12a) Eu gostaria de apresentar meus agradecimentos a Fernando Quesada e seus colegas do Instituto de Filosofia de Madri, cujo seminário sobre os modernos teóricos da democracia, em 1986, inspirou reflexões originais sobre Bobbio.

(13) Polity Press, Londres 1987; cada um deles com uma bela introdução de Richard Bellamy. A editora e o editor merecem felicitações por sua publicação. Bellamy vai mais longe em sua discussão de Bobbio em seu *Modern Italian Social Theory*, Londres, 1987:141-56. As edições originais italianas foram *Quale Socialismo?*, Turim, 1976, e *Il Futuro della Democrazia*, Turim, 1983. A tradução inglesa do primeiro inclui outros ensaios não reunidos no original italiano. As referências abaixo às edições inglesas são abreviadas como WS e FD; as traduções às vezes foram modificadas. A obra completa de Bobbio é enorme. Cario Violi, *Norberto Bobbio: A Critical Bibliography*, Milão, 1984, publicado em homenagem ao seu 75º aniversário, contém mais de 650 itens — os quais não ultrapassam 60% de sua produção. Boa parte dessa obra tratou da teoria da lei, que raramente será mencionada nas páginas que se seguem.

(14) "Cultura Vecchia e Política Nuova", in *Politica e Cultura*, Turim, 1955, p. 198.

(15) Ver *Italia Civile. Ritratti e Testimonianze*, Florença, 1986 (reedição), pp. 70-71, 95-96, 170, 276-277; *Italia Fedele. Il Mondo de Gobetti*, Florença, 1986, pp. 157-158; *Maestri e Compagni*, Florença 1984, p. 191.

(16) A Oxford University Press publicou uma tradução inglesa em 1948.

(17) "Libertà e Potere", in *Politica e Cultura*, p. 281.

(18) *Politica e Cultura*, p. 199.

vam ansiosamente pelo momento em que trabalhadores e intelectuais, unidos, iriam promover uma reforma radical das estruturas do estado italiano.

O objetivo declarado desses militantes do *Partito d'Azione* era exatamente realizar uma síntese entre liberalismo e socialismo. Visto que havia muito as duas correntes eram objeto das imprecisões fascistas, parecia lógico para muitos de seus pensadores vingá-las conjuntamente. A seus olhos, essa seria a vocação específica do *Partito d'Azione*, o traço que o distinguiu dos partidos tradicionais da classe trabalhadora. Depois da Libertação, porém, a despeito de seu destacado papel militar durante a Resistência e de sua rica bagagem intelectual, o Partido não conseguiu obter uma posição durável no cenário político italiano. Três anos depois, desapareceu. Ninguém melhor que o próprio Bobbio descreveu as razões para sua subsequente dissolução. Uma década mais tarde, ele escreveu: "Tínhamos posições morais claras e firmes, mas nossas posições políticas eram sutis e dialéticas — e portanto móveis e instáveis, continuamente em busca de uma inserção na vida política italiana. Mas permanecemos sem raízes na sociedade italiana daqueles anos. Para quem deveríamos voltar-nos? Moralistas acima de tudo, defendíamos uma completa renovação da vida política italiana, a começar por seus costumes. Mas achávamos que para uma tal renovação não era necessário uma revolução. Consequentemente, fomos rejeitados pela burguesia, que não desejava renovação, e pela maior parte do proletariado, que não queria renunciar à revolução. Assim, fomos deixados *tête-à-tête* com a pequena burguesia, que era a classe menos inclinada a seguir-nos — e não fomos seguidos. Na verdade, era um espetáculo bastante penoso ver-nos — os *enfants terribles* da cultura italiana — confundidos às camadas mais medrosas e frouxas da sociedade italiana, mentes em perpétuo movimento tentando estabelecer contato com as mentalidades mais indolentes e mirradas, provocadores de escândalos piscando com cumplicidade para os mais timoratos e conformistas dos cidadãos, aqueles moralistas superintransigentes pregando para especialistas em concessões. Ao longo de todo o período em que o *Partito d'Azione* — líderes sem um exército — se manteve ativo enquanto movimento político, a pequena burguesia italiana — um exército sem líderes — manteve-se indiferente. Imaginem se era possível um casamento entre os dois..."<sup>19</sup>.

#### *Debates e realinhamentos*

Essa avaliação — severa e cáustica — da experiência do *Partito d'Azione* reflete, sem dúvida, o estado de espírito de Bobbio ao retirar-se do envolvimento político direto depois que o Partido se dissolveu, em 1947, e ele assumiu uma cátedra de filosofia da lei na Universidade de Turim. Mas embora se devotasse principalmente ao trabalho em sua área acadêmica, não se restringiu a isso. Porque nos anos que se seguiram, escreveu uma série de artigos eloquentes criticando a polarização da vida política e intelectual italiana durante o auge da Guerra Fria. Nesses artigos, cortesmente mas com precisão, examinou tanto as ideologias do comunismo oficial como as do anticomunismo, o Congresso pela Liberdade Cultural (desde sua formação), e os Partidários da Paz. Seu principal interlocutor, porém, era o PCI. O objetivo de Bobbio era dissuadi-lo de uma aliança incondicional com um estado soviético que ele classificava — "sem ficar escandalizado com o fato, visto que a meu ver isso reflete uma dura necessidade histórica" — como

(19) "Inchiesta sul Partito d'Azione", *Il Ponte*, VII, nº 8, agosto de 1951, p. 906. Paradoxalmente, a avaliação retrospectiva que Togliatti fez do Partido, em resposta ao mesmo questionário, era menos severa — pois foi capaz de escrever: "Em essência havia apenas duas grandes correntes de resistência e uma luta efetiva e durável contra a tirania fascista: uma era liderada por nós, comunistas, a outra pelo movimento Ação, e nem sequer é seguro que o nosso tenha sido o mais forte sempre e em toda parte". *Il Ponte*, VII, nº 7, julho de 1951, p. 770.

fazendo parte dos regimes totalitários<sup>20</sup>; e convencê-lo da importância permanente das instituições políticas liberais segundo o modelo das existentes no Ocidente. Não é fácil lembrar de muitos outros escritores, na Europa daquela época, que tenham alcançado um tom comparável de civilidade e equanimidade<sup>21</sup>. O efeito dessas intervenções foi marginal até depois da morte de Stálin, quando as mudanças na Rússia começaram a afrouxar um pouco os espartilhos ideológicos do movimento comunista italiano. Foi então que Bobbio publicou, em 1954, um artigo intitulado "Democracia e Ditadura", que teve consequências um pouco mais significativas. O tema do artigo era uma crítica serena porém severa das concepções marxistas tradicionais desses dois termos, insistindo na subestimação histórica, pelo marxismo, do valor dos legados liberais da separação e da limitação dos poderes, embora ao mesmo tempo previsse que nos anos que se seguiriam o PCI iria evoluir para uma maior compreensão e aceitação desses fatores, "essenciais para sua coabitação no mundo ocidental"<sup>22</sup>.

Esse apelo provocou uma prolongada resposta do mais destacado filósofo comunista da época, Galvano Della Volpe, que censurou Bobbio por ter regredido às posições do liberalismo moderado de Benjamin Constant do início do século XIX e afirmou que o marxismo, em lugar disso, era o herdeiro da tradição democrática mais radical de Jean-Jacques Rousseau, teórico de uma *libertas maior* em oposição à *libertas minor* de Constant. Bobbio, por sua vez, respondeu a Della Volpe com um ensaio muito mais longo que seu artigo original, "Sobre a Liberdade Moderna Comparada à da Posterioridade", em que desenvolvia seu argumento e instava os comunistas, num tom amistoso mas firme, a se acautelarem contra "um progressismo ardente demais", que corria o risco de sacrificar as conquistas de uma democracia liberal existente em nome da instalação de uma futura ditadura do proletariado, justificada por uma futura democracia aperfeiçoada. Foi tal o peso dessa segunda intervenção que o próprio Palmiro Togliatti julgou necessário responder a seus argumentos, sob um pseudônimo, em *Rinascita*<sup>23</sup>. Em sua tréplica aos contra-argumentos de Togliatti, Bobbio concluiu com uma evocação autobiográfica e um credo. Sem um compromisso profundo com o marxismo depois da Libertação, escreveu, "teríamos buscado asilo no refúgio da vida interior, ou nos teríamos colocado a serviço dos patrões. Mas daqueles que se salvaram desses dois destinos, apenas alguns dentre nós guardaram consigo uma maleta na qual, antes de nos atirmos ao mar, depositamos, para que não se perdessem, os frutos mais benéficos da tradição intelectual européia: o valor da indagação, o fermento da dúvida, uma disposição para o diálogo, um espírito crítico, moderação de opinião, escrúpulo filológico, uma noção da complexidade das coisas. Muitas pessoas, pessoas demais, privaram-se dessa bagagem; ou abandonaram-na, considerando-a um peso inútil; ou jamais a possuíram, arremessando-se às águas antes de terem tido tempo de adquiri-la. Não os recrimino; mas prefiro a companhia dos outros. Na verdade, tenho a impressão de que esse grupo está destinado a crescer, à medida que os anos tragam sabedoria e os acontecimentos mostrem as coisas sob outra luz"<sup>24</sup>.

A tranquila segurança da sentença final haveria de mostrar-se justificada, embora a longo prazo — como, sem dúvida, pretendia Bobbio. A curto prazo, o episódio de seu debate com Della Volpe e Togliatti não teve maior repercussão na cultura política italiana, permanecendo relativamente negligenciado durante os 20 anos que se seguiram. Não foi um prelúdio para que Bobbio conquistasse logo em seguida uma audiência mais ampla: seu trabalho continuou desenvolvendo-se

(20) *Politica e Cultura*, p. 48 — um volume que inclui as principais intervenções desse período: "Invito al Colloquio", "Politica Culturale e Politica della Cultura", "Difesa della Libertà", "Pace e Propaganda di Pace", "Libertà dell'Arte e Politica Culturale", "Intellectual e Vita Politica in Italia", "Spirito Critico e Impotenza Politica".

(21) Tanto Russell como Dewey perderam a cabeça no início da Guerra Fria.

(22) *Politica e Cultura*, p. 149.

(23) *Ibid.*, p. 194: o título da resposta de Bobbio, evidentemente, era uma retomada deliberadamente irônica do famoso ensaio de Constant de 1818, *De la Liberté des Anciens Comparée à celle des Modernes*.

(24) *Politica e Cultura*, pp. 281-282.

essencialmente no interior da universidade. Em 1964, o Partido Democrata Cristão — no poder — concretizou pela primeira vez uma coalizão com o Partido Socialista Italiano, depois que este último rompeu seus laços com o Partido Comunista. Durante seis anos a Itália foi governada pela fórmula da assim chamada centro-esquerda. Muito mais tarde, Bobbio descreveria essa experiência como sendo, com todas as suas consequências, "o momento mais feliz do desenvolvimento político italiano" no período do pós-guerra<sup>25</sup>. É bastante duvidoso que Bobbio realmente tivesse sentido grande entusiasmo, na época, com o governo obscuro daqueles anos. Mas uma coisa é certa. Em 1968, pela primeira vez, Bobbio ingressou no Partido Unitário Socialista, que se formara pouco antes com a reunificação do PSI de Nenni e do PSDI social-democrático de Saragat. O que se passou em seguida? Um levante popular maciço eclodiu nas universidades e fábricas do país — o famoso 1968-69 italiano. O voto do recém-unificado PSU, em lugar de crescer, caiu vertiginosamente. As classes médias italianas, assustadas com a novidade da militância de estudantes e trabalhadores, voltaram-se para a direita, e a centro-esquerda extinguiu-se rapidamente. Todas as referências posteriores de Bobbio a 1968-69 estão impregnadas de amargura ou reserva. A nível nacional, seus cálculos políticos haviam sido descartados bruscamente. Ao mesmo tempo, ele teve que fazer frente à turbulência e à desordem da rebelião estudantil em sua própria arena de atividade profissional<sup>26</sup>. Não achou graça na experiência, tal como a maioria de seus colegas. As assembleias estudantis da época, em especial, parecem tê-lo chocado muito, deixando lembranças desagradáveis que podem ser lidas nas entrelinhas da polêmica que pela primeira vez iria transformá-lo, numa fase posterior da política italiana, num personagem central dos debates nacionais.

Isso aconteceu — só poderia ter acontecido — passado o refluxo dos grandes movimentos sociais do final da década de 60 e início da de 70. No final de 1973, o Partido Comunista Italiano proclamou seu objetivo de realizar uma união estratégica com a democracia cristã — o assim chamado Compromisso Histórico —, e no ano seguinte anunciou sua conversão teórica geral aos princípios do eurocomunismo. Vinte anos depois do debate de Bobbio com Togliatti, suas profecias viam-se inteiramente confirmadas. Afinal inaugurava-se um terreno político favorável a suas teses sobre democracia e ditadura, liberalismo e marxismo. Aproveitando a oportunidade, em 1975 Bobbio escreveu dois ensaios fundamentais no *Mondoperaio*, jornal teórico do Partido Socialista — o primeiro sobre a ausência de qualquer teoria política no marxismo, o segundo sobre a não existência de qualquer alternativa para a democracia representativa enquanto forma política de uma sociedade livre, com uma clara advertência contra o que considerava os perigos das ilusões no sentido oposto no processo revolucionário então em andamento em Portugal<sup>27</sup>. Dessa vez, as intervenções de Bobbio despertaram enorme interesse no público italiano, e um grande número de políticos e intelectuais, tanto do PCI como do PSI, responderam a elas. No final de um prolongado debate, um ano mais tarde, Bobbio pôde congratular-se pelo consenso que imaginava poder discernir em torno de suas ênfases básicas. Por volta de 1976, o PCI já havia renunciado formalmente ao leninismo que Bobbio criticara no passado e estava em vias de obter notáveis ganhos eleitorais, para ele bem-vindos. O PSI também estava adaptando suas tradições. Com certa satisfação, Bobbio observou que o próprio Pietro Nenni estava utilizando oficialmente seus argumentos, da tribuna do Quarto Congresso do Partido Socialista<sup>28</sup>. Em 1978, fortalecido por esse prestígio inédito, colaborou na elaboração do novo programa do PSI, defendendo-o daqueles que o consideravam muito pouco marxista. Na esteira de seu prestígio,

(25) "La Crise Permanente", *Pouvoirs*, n° 18 1981, p. 6.

(26) Além do mais, um de seus filhos estava entre os líderes do *Lotta Continua*, do qual mais adiante iria tornar-se historiador. Ver Luigi Bobbio, *Lotta Continua — Storia di una Organizzazione Rivoluzionaria*, Roma, 1979, um retrospecto digno e ponderado.

(27) "Esiste una Dottrina Marxista dello Stato?" e "Quali Alternative alla Democrazia Rappresentativa?", reimpresso in *Quale Socialismo?*, Turim, 1976, pp. 21-65, e agora em WS, pp. 47-84.

(28) *Quale Socialismo?*, pp. 66-68; WS, pp. 86-87.

Bobbio tornou-se um dos mais importantes colunistas de política nacional do *La Stampa* — sua primeira atividade jornalística regular desde a Libertação.

Também foram esses os anos que testemunharam a ascensão de Bettino Craxi ao topo do Partido Socialista — inicialmente em nome de uma renovação moral e política do socialismo italiano, renovação essa que haveria de colocá-lo à frente das lutas por uma melhor democracia cívica e secular na Itália. Bobbio, que tal como muitos outros em seu partido via com desconfiança a lógica corporativista do Compromisso Histórico, aparentemente partilhou as esperanças de uma remodelação libertária do PSI e de seu papel potencial numa renovação nacional. O desapontamento não se fez esperar. O que os governos da "Solidariedade Nacional" produziram não foi uma safra de reformas, mas o joio do terrorismo. A instabilidade parlamentar e a corrupção não diminuíram: por volta de 1981, Bobbio escrevia que, se o objetivo era entender as realidades da política nacional, "o mapa amarelado da Constituição Italiana" podia ser jogado fora<sup>29</sup>. Sob a liderança de Craxi, o PSI estava se transformando numa máquina cada vez mais cínica e autoritária, subordinada ao culto de um Líder paramentado com uma retórica "decisionista" muito semelhante à de Carl Schmitt. Os regimes *pentapartito* da década de 80, que embaralharam DC, PSI, PSDI, republicanos e liberais numa "combinação invulgar e até agora impensável da centro-direita e da centro-esquerda", na opinião dele, estavam destinados a excluir qualquer alternativa mais progressista, com o veto norte-americano<sup>30</sup>. Hoje em dia a posição de Bobbio, uma vez mais, é a de um franco-atirador mais ou menos independente. Foi nomeado Senador Vitalício pelo presidente, uma espécie de par honorífico italiano, consciência moral da ordem política italiana.

## 2. Compleição, localização

Tal foi, aproximadamente, o *cursus vitae* de Norberto Bobbio. Uma vida que ele uma vez classificou como "um aprendizado contínuo, lento, difícil: tão difícil que quase sempre deixou-me exausto e insatisfeito; tão lento que até hoje não se completou"<sup>31</sup>. Qual seu significado histórico específico? Na linhagem dos pensadores que procuraram conciliar liberalismo e socialismo, Bobbio difere de seus principais predecessores em diversos aspectos importantes. Um deles é simplesmente o campo de seus interesses específicos. Bobbio é um filósofo de formação abrangente que se bateu contra a fenomenologia de Husserl e Scheler antes da guerra, contra o existencialismo de Heidegger e Jaspers durante a guerra, e contra o positivismo de Carnap e Ayer depois da guerra. Suas próprias preferências epistemológicas sempre foram empíricas e científicas — dirigindo-se com precisão ao âmago do que batizou "Ideologia Italiana", que é congenitamente especulativa, com uma tonalidade idealista<sup>32</sup>. Nesse aspecto ele lembra Mill, Russell ou Dewey. À diferença deles, porém, Bobbio não é um filósofo original de estatura superior; menos ainda um economista, como eram Mill e Hobson. Mas embora não tenha feito contribuições comparáveis às deles no campo da lógica ou da epistemologia, da ética ou da economia, sua compreensão das principais tradições do pensamento político ocidental — de Platão e Aristóteles a Tomás de Aquino e Althusius, de Pufendorf e Grotius a Spinoza e Locke, de Rousseau ou Madison a Burke e Hegel, de Constant e De Tocqueville a Weber ou Kelsen — é maior, não apenas no que diz respeito ao tempo, mas também em escopo e profundidade. Em Bob-

(29) "La Crise Permanente", p. 12. Considerando-se a importância que Bobbio sempre atribuiu às normas constitucionais, seria difícil uma sentença mais drástica. Vinte anos antes ele fora co-autor de um livro didático sobre educação cívica, discorrendo sobre a Constituição, para uso nas escolas secundárias italianas: Norberto Bobbio e Franco Pierandrei, *Introduzione alla Costituzione*, Bari, 1960.

(30) "Uma situação sobre a qual é inútil colocar um véu piedoso": "Introduzione", *Il Sistema Politico Italiano tra Crisi e Innovazione*, Milão, 1984, p. 21.

(31) *Italia Civile*, p. 10.

(32) *Profilo Ideologico del Novecento Italiano*, Turim, 1986, pp. 3-4. Essa obra é o mais importante exercício de Bobbio sobre história intelectual: um apanhado brilhante, embora muitas vezes reveladoramente seletivo.

bio, o conhecimento da filosofia política é fundamentado por estudos de direito constitucional e familiaridade com a ciência política. Um dos elementos desse compromisso profissional é particularmente importante para o caráter da obra de Bobbio. Ele está muito mais à vontade com a história do marxismo que qualquer de seus predecessores imediatos. Seu desembaraço filológico com as diversas tradições do materialismo histórico não é uniforme. Marx, enquanto clássico, conhece bem; mas, mesmo familiarizado com textos de Kautsky e Lenin, seu conhecimento é mais superficial, e quando fala de Gramsci, por exemplo, é capaz de cometer erros surpreendentes. Paradoxalmente, porém, essa limitação pode ser considerada virtualmente uma vantagem no contexto da cultura predominante na esquerda italiana até a década de 1970 — uma cultura quase sufocada por sua referência exclusiva e interna ao marxismo, resultando exatamente naqueles abusos do "princípio de autoridade" que Bobbio haveria de apontar e criticar<sup>33</sup>. Sua bagagem de não-marxismo ou de pré-marxismo, que mencionou a Togliatti, manteve-o afastado disso, bem como seu temperamento transparentemente tolerante, cético e democrático.

(33) *Quale Socialismo?*, p. 25; WS, p. 51.

Outra diferença é que as coordenadas políticas de Bobbio são, em alguns aspectos, mais complexas que as de seus principais predecessores. Com efeito, ele está situado na encruzilhada de três tradições adversárias extremamente importantes. Por formação básica e por convicção, é um liberal. Mas o liberalismo italiano sempre foi um fenômeno à parte, considerando-se o cenário europeu. Na Inglaterra, sua pátria do século XIX, o liberalismo atingiu sua pura consumação no estado mínimo e no livre-comércio da época gladstoniana; depois disso, cumprida sua vocação histórica, pouco lhe restava fazer além de passar por um breve epílogo social — durante os governos de Asquith e Lloyd George — e expirar enquanto força política. Na França, por outro lado, o liberalismo enquanto doutrina foi uma expressão da Restauração, teorizando as virtudes de uma monarquia censitária; hegemônico durante o regime orleanista, parodiado durante o Segundo Império, ficou, com isso, comprometido demais para poder sobreviver ao advento de uma Terceira República lididamente apoiada no sufrágio universal masculino. Na Alemanha, como se sabe, o Liberalismo Nacional capitulou diante do conservadorismo prussiano da época de Bismarck, trocando os princípios parlamentares pela adesão à vitória militar contra a Áustria; e depois da abdicação política, caiu na confusão econômica quando o livre-comércio foi abandonado, logo depois, pelo Segundo Reich. Na Itália, entretanto, diferentemente da Alemanha, a unificação nacional concretizou-se não sobre o cadáver, mas justamente sob a bandeira do liberalismo. Além disso, o liberalismo que emergiu vitorioso do Risorgimento estava duplamente legitimado: ao mesmo tempo era a ideologia constitucional dos Moderados piemonteses, codificando a estrutura de seu predomínio durante a monarquia, e a definição secular de um estado italiano criado contra a vontade da igreja católica.

Esse sucesso singular teve o resultado de tornar praticamente supérflua, na Itália, durante muito tempo, a concretização de uma agenda liberal normal. A noção de liberalismo estava tão profundamente identificada com a construção da nação e com a causa do estado leigo que seus estadistas e pensadores mais preeminentes sentiram-se pouco pressionados a aperfeiçoar a honestidade eleitoral ou a aprofundar a liberdade política. Esse foi o país onde o regime oligárquico e manipulador de Giovanni Giolitti, com sua ampla dose de violência repressora e de corrupção cooptativa, se autodefiniu como liberal até o início da Grande Guerra; onde a maior cabeça teórica do liberalismo econômico, Vilfredo Pareto, proclamou a

necessidade de um terror branco para esmagar o movimento dos trabalhadores e liquidar a democracia parlamentar; onde o maior filósofo italiano, Benedetto Croce, paladino de seu próprio liberalismo ético, exaltou os massacres da I Guerra e aprovou a investidura de Mussolini no poder. E no entanto, entre outras coisas e por ironia, foram exatamente deformações como essas que contribuíram para resguardar o vigor e o futuro do liberalismo italiano até bem avançado o século XX. Em nenhum outro país o destino do liberalismo foi tão polimorfo e paradoxal. Porque, exatamente devido ao fato de que seus ideais clássicos foram ao mesmo tempo tão celebrados e tão falseados na Itália, eles tiveram condições de manter um poder normativo radical que haviam perdido em toda parte, e iriam mostrar-se capazes de assumir as formas mais inesperadas e inflamáveis em oposição à ordem estabelecida. O próprio Bobbio é um testamento à ambiguidade desse legado. Trata as figuras de Giolitti e Pareto com respeito e admiração; a de Croce, às vezes, quase com veneração<sup>34</sup>. As marcas do historicismo de Croce, especialmente, são muito fortes em um setor de seu pensamento. Não obstante, ao mesmo tempo ele salienta a indiferença da teleologia filosófica de Croce a todos os valores institucionais do liberalismo político por que tem apreço, sua irrelevância quase absoluta para a agenda prática de uma democracia moderna — que, a seu ver, exigiu um embasamento atemporal de direitos naturais que, para Croce, era anátema<sup>35</sup>. Porque o liberalismo de Bobbio é essencialmente uma doutrina de garantias constitucionais da liberdade individual e dos direitos civis dentro da tradição empírica de Mill, que ele associa particularmente à Inglaterra; e seus maiores heróis na Itália foram os pensadores que podiam ser considerados como próximos disso — as figuras menos representativas de Carlo Cattaneo, que defendeu Milão contra os austríacos em 1848, e de Luigi Einaudi e Gaetano Salvemini, que não se sujeitaram ao fascismo em 1924.

(34) "Uma das mais complexas, inspiradas e meditadas visões da história deste século": *Italia Civile*, p. 92.

(35) Ver "Benedetto Croce e il Liberalismo", in *Politica e Cultura*, pp. 253-268.

### *Um buquê de híbridos*

Ora, em si, evidentemente, essa perspectiva — mesmo externada com a eloquência de Bobbio — pouco tem de original no século XX. Todo o interesse do pensamento de Bobbio, porém, decorre do confronto desse liberalismo político clássico, mediado pela experiência distintiva italiana, com duas outras tradições teóricas. A primeira delas é o socialismo; nesse ponto, também, o contexto italiano foi formativo. Porque quando Bobbio aderiu à esquerda, no final da década de 30, estava entrando num campo intelectual e político que já era — por assim dizer — híbrido. Isso porque, nas condições caleidoscópicas da sociedade italiana de depois da I Guerra, em que tantos elementos sociais e ideológicos, amalgamados, formaram desenhos pouco comuns, o liberalismo não esmaeceu, mas assumiu cores novas e surpreendentes. A Itália produziu naqueles anos o que é até hoje o único estudo erudito completo do liberalismo europeu no século anterior: a *Storia del Liberalismo Europeo*, de Guido de Ruggiero — uma obra não só de síntese histórica comparativa como também de compromisso político em ação, concluída simultaneamente à instalação do fascismo no poder. O próprio De Ruggiero, um historicista com acentuado respeito pela contribuição alemã de Kant e Hegel à idéia européia de um *Rechtsstaat*, fazia parte do centro político. Isso não o impediu de escrever que "se evocamos a severidade cruel e desumana demonstrada pelos liberais do século XIX em relação aos urgentes problemas sociais

de seu tempo, não podemos negar que o socialismo, com todos os defeitos de sua ideologia, foi um avanço imenso em relação ao individualismo que o precedeu, e, do ponto de vista da história, viu-se justificado em sua tentativa de submergir esse individualismo sob sua própria inundação social<sup>36</sup>. No seio de uma geração mais jovem, mais à esquerda, a força gravitacional de uma classe trabalhadora insurrecta — que às vezes tinha a Revolução Russa por trás de si — produziu uma coleção espantosa de diferentes tentativas de fundir os valores proletários e os liberais numa nova força política. A primeira e mais famosa delas foi o programa favorável a uma "Revolução Liberal", de Piero Gobetti, que publicou Mill em italiano e defendia o livre-comércio, ao mesmo tempo em que admirava Lenin e colaborava com Gramsci no *Ordine Nuovo*, antes de lançar seu próprio *Rivoluzione Liberale* em 1922. O liberalismo de Gobetti convocava os trabalhadores a conquistar o poder por baixo e a se tornarem os novos líderes da sociedade, por serem a única classe capaz de transformá-la. Considerando-se revolucionário na acepção plena da palavra, esse liberalismo desdenhava o socialismo italiano, que considerava excessivamente reformista, e manifestava grande simpatia pelo comunismo russo.

Gobetti morreu na França em 1926. Dois anos antes, seu jornal publicara um ensaio de autoria de um jovem socialista — Carlo Rosselli — criticando as tradições do PSI. Aprisionado em 1928, quando Mussolini estava no poder, Rosselli escreveu um livro intitulado *Socialismo Liberale* — antes de fugir para a França, onde fundou o movimento *Giustizia e Libertà* no ano seguinte. O projeto de síntese de Rosselli vinha de uma direção diametralmente oposta àquela de onde vinha o de Gobetti. Admirando o que imaginava saber do trabalhismo britânico, procurou purgar o socialismo de sua herança marxista e de sua identificação soviética e reinjetar-lhe as tradições da democracia liberal que acreditava serem conquistas fundamentais da civilização moderna. Rosselli e seu irmão foram assassinados por bandidos fascistas em 1937. Nesse mesmo ano, Guido Calogero e Aldo Capitini criaram em Pisa uma facção distinta, a que deram o nome de *Liberal-socialismo*. A tênue nuance do nome indicava uma posição intermediária entre a de Rosselli e a de Gobetti. Capitini, especialmente, ao mesmo tempo mais religioso em suas concepções e mais simpático à experiência soviética, tinha por objetivo uma futura ordem social que fosse ao mesmo tempo "pós-cristã" e "pós-comunista", associando a máxima liberdade legal e cultural à máxima socialização econômica. Calogero estava mais próximo de Rosselli, num idioma mais filosófico, rejeitando a Rússia como um estado "totalitário" e contestando qualquer socialização geral dos meios de produção. Quando os dois movimentos confluíram, formando o *Partito d'Azione* — em 1942 —, prevaleceu sua defesa de uma economia mista como instrumento apropriado para uma reconciliação de liberdade e justiça, e esse ponto passou a integrar o programa formal do partido. No entanto ele foi contestado no interior do partido por outra facção, que descrevia sua meta como sendo um comunismo liberal — tais eram as possibilidades da época e do país. Seus principais teóricos, Augusto Monti e Silvio Trentin, eram os descendentes mais diretos de Gobetti. Na década de 30, integrado ao *Giustizia e Libertà*, Trentin rejeitara a idéia de uma economia com dois setores, insistindo na necessidade de uma socialização revolucionária das relações de propriedade, ao mesmo tempo em que propugnava por um estado federativo descentralizado — na linha de Proudhon — para defender a liberdade dos perigos do despotismo político depois da derrubada do capitalismo. Para esses pensadores, de todo modo, era provável que houvesse uma revolução comunista na Itália do pós-guerra: cabia-lhes idealizar as for-

(36) *The History of European Liberalism*, Oxford, 1927, p. 391; numa seção intitulada "O Liberalismo do Socialismo Prático", os sentimentos do próprio Bobbio em relação à obra de De Ruggiero mostram-se ambivalentes. Confessando que em certa época essa obra era-lhe cara, depois da guerra criticou-a por superestimar a importância do liberalismo alemão em geral e exaltar de forma não crítica a contribuição de Hegel em particular — ao mesmo tempo em que, com Croce, subestimava as realizações do liberalismo inglês: "O que [os idealistas italianos] não foram capazes de perceber na pátria de Milton e Mill, imaginaram que tinham encontrado no país de Fichte e Bismarck", *Politica e Cultura*, pp. 253-256. Apesar dessas objeções, vários dos temas do próprio Bobbio foram antecipados por De Ruggiero, que durante a Resistência também participou ativamente da formação e da liderança do *Partito d'Azione*.

mas da revolução democrática que viria *depois* dessa revolução comunista, que iria "endireitá-la" historicamente<sup>37</sup>.

Revolução liberal, liberalismo socialista, socialismo liberal, comunismo liberal: alguma outra nação produziu uma lista comparável de híbridos? Eles foram possíveis na Itália porque depois da I Guerra nem a democracia burguesa nem a social-democracia teriam tempo de se instalar, estabelecendo um quadro de contornos estáveis para a política sob o capitalismo. Uma década de fascismo significava que o liberalismo continuava sendo uma força estranhamente não consumada, enquanto o socialismo se estabelecia como uma força relativamente não dividida; também significava que liberalismo e socialismo, juntos, enfrentavam um inimigo contra o qual, em última instância, a resistência só podia ser insurrecional. Nessas condições, a Resistência italiana podia apresentar todos os tipos de generoso sincretismo. Bobbio é um herdeiro desse momento excepcional, que foi — como ele tantas vezes explicou — a experiência política central que o moldou.

Pessoal e moralmente mais próximo de Capitini, suas preferências práticas eram as de Calogero, embora em seu caso elas se associassem a um sentido lúcido do poder provável do PCI depois da Libertação. Essa consciência haveria de conduzi-lo — de modo mais ou menos inexorável — a um compromisso muito mais profundo com a cultura marxista. Durante aqueles anos, Bobbio, outrora liberal, iria transformar-se num socialista. Porém, tal como seus predecessores anglo-saxônicos, ele não foi liberal somente antes de ser socialista, mas continuou sendo um deles, antes de mais nada, depois de tornar-se socialista. Esse liberalismo decorria de um profundo compromisso com o Estado constitucional, mais que de qualquer apreço especial pelo livre-mercado. Era um liberalismo político, e não econômico — diferença formulável de forma mais nítida em italiano que nas outras línguas, na distinção (que Croce se encarregou de tornar famosa) entre *liberalismo* e *liberismo*<sup>38</sup>. Consequentemente, tinha condições de permitir uma passagem igualitária para o socialismo. Ao explicar a sua própria visão da relação entre os dois, Bobbio escreveu, muito mais tarde: "Pessoalmente, considero o ideal socialista superior ao liberal". Porque, argumentava, o primeiro compreende o segundo, enquanto o contrário não é verdadeiro. "Embora não se possa definir igualdade em termos de liberdade, há pelo menos um caso em que se pode definir liberdade em termos de igualdade" — ou seja "aquela condição em que todos os membros de uma sociedade consideram-se *livres* porque são *iguais* em seu poder"<sup>39</sup>. Portanto, socialismo é o termo mais abrangente.

#### *O contraste com Russell e Dewey*

A lógica dessas convicções evoca Mill ou Russell, Hobson ou Dewey. O que diferencia a aversão de Bobbio da deles são as respectivas experiências históricas. À diferença desses exemplares prévios, a ponte construída por Bobbio entre liberalismo e socialismo não foi um episódio intelectual relativamente isolado: fazia parte de um movimento coletivo que desempenhava um papel político fundamental numa época de guerra civil e nacional. Os embates, as paixões, as memórias subjacentes são muito mais palpáveis. Mas exatamente porque se materializavam de maneira tão mais prática, também eram mais vulneráveis ao veredicto dos resultados. Para Bobbio havia apenas um ideologia nova, real, da Resistência italiana — a do *Partito d'Azione*, que ele classifica como "o partido dos socialistas liberais"<sup>40</sup>.

(37) Em relação a essa história complicada, ver os diversos relatos de Bobbio in *Italia Fedele*, pp. 9-31; *Italia Civile*, pp. 45-48, 249-266; *Maestri e Compagni*, pp. 239; *Profilo Ideologico*, pp. 151-163.

(38) O ensaio de Croce *Liberalismo e Liberismo*, escrito em 1928 e voltado contra Einaudi, argumentava que a liberdade era um ideal moral compatível com diversos regimes econômicos — e que portanto não podia ser identificado com a simples competição e o livre-comércio; dez anos mais tarde utilizaria os mesmos argumentos contra Calogero para rejeitar a noção de qualquer possibilidade de síntese entre liberalismo e socialismo — "a liberdade não admite adjetivos". Em 1941 recusou-se a entrar no *Partito d'Azione* porque esse defendia a distribuição de terra para os camponeses do sul. Ver Giovanni Di Luna, *Storia del Partito d'Azione*, Milão, 1982, p. 25.

(39) *Le Ideologie e il Potere in Crisi*, Florença, 1981, pp. 29-30. Esse volume é basicamente uma coleção dos artigos de Bobbio publicados no *La Stampa* entre 1976 e 1980, textos em que ele afirma — com razão — que "quase sempre tentei ligar os problemas do momento a temas gerais de filosofia política ou de ciência política". Constituem um exemplo notável de um tipo de prosa pública que desapareceu quase inteiramente do mundo jornalístico europeu.

(40) *Italia Fedele*, p. 248. Há uma elipse histórica na descrição que sugere como essa síntese era importante para ele, a ponto de provocar uma certa ilusão ótica. Porque o *Partito d'Azione* também abrangia uma força significativa que pouco tinha a ver com socialismo — oriunda dos círculos banqueiros e empresariais e conduzida por Ugo La Malfa, arquiteto, no pós-guerra, de um Partido Republicano que estaria politicamente próximo ao capital industrial esclarecido. A lembrança que Bobbio guarda do *Partito d'Azione* elimina sistema-

A saudade que Bobbio sente da época de esperança que o *Partito d'Azione* representava permeia seus textos, sempre acompanhada, porém, da ironia que já observamos. O socialismo liberal era uma "fórmula de elite", cujas "posições filosóficas doutrinárias" estavam "fadadas à derrota por forças políticas poderosas, reais, movidas por interesses muito concretos e impulsos vigorosos, e não por silogismos perfeitos"<sup>41</sup>.

Dessas forças, as duas principais eram, naturalmente, a Democracia Cristã e o Comunismo. Bobbio nunca teve muito a dizer sobre a DC. No pós-guerra, seu horizonte foi dominado pelo PCI tanto no diálogo como na polêmica. Não passou despercebido o desusado teor político de suas discussões com o PCI durante os anos da Guerra Fria. Esses debates assinalam uma divisória histórica que separa, de modo fundamental, sua conjugação de liberalismo e socialismo da de seus predecessores. Aqueles caracterizavam-se por se terem formado no interior de um liberalismo confortavelmente estabelecido, para depois reagirem às tropelias ou falhas do regime — repressão retaliativa, guerra imperialista, desemprego em massa — através da busca de um socialismo que estaria por trás dele. Bobbio, em compensação, tornou-se liberal e socialista numa espécie de impulso súbito na luta contra o fascismo, para depois reagir contra os crimes do socialismo estabelecido — o sistema da tirania de Stálin. Registrar essa diferença não significa minimizar a seriedade do compromisso, em sua época, de seus dois predecessores mais próximos com as experiências revolucionárias do século XX. Depois de sua visita à União Soviética em 1920, Russell escreveu o estudo mais penetrante — muitas vezes surpreendentemente profético — do regime bolchevique da época da Guerra Civil feito por um observador estrangeiro<sup>42</sup>. Dewey chegou à China, onde ia trabalhar, poucos dias antes do Movimento de 4 de maio, em que defendeu a causa do governo de Cantão, criticando o papel dos imperialismos britânico e japonês no país. Posteriormente viajou à Turquia a convite de Kemal; ao México no tempo de Calles, onde viu as realidades do imperialismo norte-americano — que também estava ativo na Nicarágua de Sandino; e à Rússia antes do início da coletivização. Escreveu com simpatia sobre todos eles<sup>43</sup>. No final da década de 30, como bem se sabe, corajosamente ajudou a desmascarar os Julgamentos de Moscou.

Não obstante, esses compromissos continuavam sendo até certo ponto episódios meritórios, mais que preocupações centrais de homens para quem, por suas histórias pessoais e seus contextos natais, os movimentos revolucionários modernos permaneciam fatalmente um tanto remotos. Bobbio, recém-saído de um movimento de Resistência cuja força mais importante era o PCI, separado só por uma fronteira da revolução iugoslava, e por um espaço um pouquinho maior das recém-criadas Democracias Populares, num país cuja política interna era um marco direto do conflito entre Leste e Oeste, encontrava-se numa situação histórica completamente diferente. Seu compromisso com o socialismo era necessariamente de outra ordem: ao mesmo tempo muito mais tenso e muito mais íntimo.

#### *Uma preferência realista*

Mas também há outro elemento na visão característica de Bobbio que o separa de seus predecessores. Entre os traços comuns às perspectivas de Mill, Russell e Dewey, um dos mais gritantes era a fé que os três tinham na força social da educação. Para Mill, a possibilidade de concretização do socialismo dependia

ticamente esse dado. Na realidade, foi o grupo de La Malfa, centralizado na Banca Commerciale, que tomou a iniciativa de criar o *Partito d'Azione* — aceitando os ideais programáticos dos socialistas liberais com relutância, taticamente; foi esse mesmo grupo, também, o que sobreviveu com mais eficiência ao desmantelamento do partido. Ver a excelente história recente de Giovanni Di Luna, *Storia del Partito d'Azione*, pp. 35-42, 347-365.

(41) *Itália Fedele*, p. 248.

(42) *The Practice and Theory of Bolshevism* (Londres, 1920) é um texto surpreendente pela quantidade e agudeza de suas premonições. Russell previu a probabilidade de uma involução nacionalista e burocrática do estado bolchevique, a escala futura de sua industrialização, e os limites prováveis às estratégias da Terceira Internacional, baseado na experiência russa na Europa ocidental; chegou a divisar uma espécie de equilíbrio longínquo de terror nuclear. Seu veredicto a respeito da experiência soviética jamais é inteiramente coerente e na verdade ele não tinha alternativa fiável para o movimento trabalhista no Ocidente. Mas essas falhas pouco peso têm diante da estatura do conjunto.

(43) Ao voltar, Dewey descreveu o período que passou na China como o mais pródigo de sua vida do ponto de vista intelectual: ele pode ser considerado uma espécie de divisor de águas em seu desenvolvimento. Em relação a suas reações aos levantes da década de 20, ver suas *Impressions of Soviet Russia and the Revolutionary World: Mexico-China-Turkey*, Nova York, 1929, especialmente o capítulo "Imperialism Is Easy", pp. 181 ss. Os caminhos de Russell e Dewey cruzaram-se em Honan e Pequim em 1921: ver sua própria obra *The Problem of China*, Londres, 1922, p. 224.

de uma elevação cultural gradual das classes trabalhadoras, coisa que só poderia ocorrer através de processos de educação a longo prazo — até esse momento, o socialismo seria sempre prematuro. A grande importância de Dewey nos Estados Unidos devia-se, evidentemente, à Escola-Laboratório que fundara em Chicago, a qual desenvolvia uma variante racional-instrumental (por oposição à romântico-expressiva) do ensino progressivo; seu livro mais vendido nos Estados Unidos sempre foi *Democracy and Education*. Russell associava um estabelecimento pedagógico abrangente em Beacon Hill à defesa extensiva de seus princípios em *Education and the Social Order* e outros escritos<sup>44</sup>. Nos três casos, a importância preponderante atribuída ao ensino estava ligada a uma concepção específica do intelectual enquanto educador potencialmente exemplar.

Bobbio, por sua vez, rejeitou expressamente esse tipo de papel para os intelectuais — classificou-o, na realidade, como a miragem característica dos pensadores italianos do período anterior à guerra, associando personagens tão diferentes entre si quanto Croce, Salvemini, Gentile, Gobetti, Prezzolini e o próprio Gramsci na ilusão comum de que teriam a tarefa de "educar a nação"<sup>45</sup>. A sua cautela cética em relação a programas de "reforma intelectual e moral" ou esperanças excessivamente ingênuas em *Bildung*, corresponde inversamente um acentuado respeito por aquela tradição de "realismo político" que se ocupou particularmente do papel do poder e da violência na história, com profunda influência sobre Bobbio. Essa tradição, observa ele, quase sempre foi conservadora<sup>46</sup>. Na Europa, seus expoentes filosóficos mais destacados foram Hobbes, teórico por excelência do absolutismo, para quem a lei sem uma espada não passava de papel; e Hegel, para quem a soberania era posta à prova não tanto através da imposição da paz interna como pela prática da guerra externa — o eterno ponto médio da vida das nações. Na Itália, esse realismo assumiu a forma não de uma racionalização especulativa, mas de uma exploração terrena dos mecanismos de dominação, de Machiavelli a Mosca e Pareto. Bobbio foi um comentador próximo e perceptivo dos teóricos de elite de seu país, aos quais deve certos elementos significativos de sua visão sociológica<sup>47</sup>. Existe um aspecto, porém, em que sua apropriação do legado realista abandonou, ou melhor, conformou, a tradição especificamente italiana. Porque esta última caracterizou-se por sua tendência a desembocar em uma cultura obsessiva de política pura — ou seja, de uma política concebida como um embate puramente subjetivo do poder *per se*, como o próprio Machiavelli percebeu em essência. O que essa tradição não teve, em compensação, foi o sentido real do Estado — enquanto complexo impessoal e objetivo de instituições. As razões para esse déficit são bastante evidentes — a longa ausência, e mais tarde a persistente fragilidade, de um estado nacional italiano. A originalidade da acolhida da tradição realista italiana por Bobbio consistiu em sua firme reorientação dessa tradição para longe da política enquanto tal — os intrincados mecanismos para ganhar ou perder poder que tanto fascinaram Machiavelli e Mosca, ou mesmo Gramsci (e, ao nível do detalhe cotidiano degenerado, o parlamento e a imprensa do país até o dia de hoje) — e rumo às questões do Estado que preocuparam muito mais Madison, Hegel ou De Tocqueville.

Há dois pontos fixos dessas reflexões a respeito do Estado que apresento a seguir. O primeiro é a resoluta insistência de Bobbio quando afirma que todos os Estados, em última instância, apóiam-se na força<sup>48</sup>. Para ele, essa é a grande e pessimista lição do realismo conservador. Marx e Lenin também eram dessa opinião, observa ele. Mas ambos associavam uma visão pessimista do Estado a uma visão otimista da natureza humana, que abria as portas para a perspectiva da elimi-

(44) O livro de Russell foi publicado em 1932; Dewey publicou um texto exatamente com o mesmo título em 1936.

(45) "Le Colpe dei Padri", *Il Ponte*, XXX, Nº 6, junho de 1974, pp. 664-667; *Profilo Ideologico del Novecento Italiano*, pp. 3 - 4. Bobbio percorre a versão especificamente italiana dessa idéia até chegar ao legado de Gioberti para o Risorgimento.

(46) Bobbio desenvolve esse tema em muitos textos. Ver, entre outros, *Saggi sulla Scienza Politica in Italia*, Bari, 1969, pp. 9, 197, 217; *Profilo Ideologico del Novecento Italiano*, p. 17.

(47) Ver em especial suas avaliações de Pareto e Mosca em *Saggi sulla Scienza Politica*, publicado em plena época de revolta estudantil, a qual, sugeriu Bobbio, poderia funcionar como um antídoto salutar às ilusões dos dois: p. 252.

(48) *Le Ideologie e il Potere in Crisi*, p. 165.

nação subsequente de um através da emancipação da outra — enquanto para a tradição realista predominante a incorrigibilidade das paixões exigia a coação permanente do poder organizado, com o intuito de sofreá-las<sup>49</sup>. Bobbio, sem pronunciar-se diretamente sobre a questão, observa que em geral "os estudos políticos devem mais à percepção por vezes implacável dos conservadores que às construções rigorosas mas inseguras dos reformadores"<sup>50</sup>. Sua segunda ênfase, efetivamente, empresta apoio a uma tradição conservadora por oposição a uma tradição marxista. Examina o potencial irredutivelmente violento das relações interestados, aquém de qualquer regulamentação interna, e considera-o parte integrante da natureza da soberania política enquanto tal. Exatamente na medida em que a lógica da guerra é, dessa forma, independente das relações de classe internas dos países, essa foi deixada de lado pelo marxismo. Para Bobbio, como para Hegel e Treitschke, a história e a teoria do conflito militar são parte integrante, necessariamente, de qualquer reflexão realística sobre o Estado. Paradoxalmente, esse mesmo sentido da centralidade da guerra para o destino da política também tornou Bobbio — coisa bastante excepcional em seu país — um opositor ferrenho da corrida armamentista nuclear, embora ele advogue uma fórmula hobbesiana para a paz internacional<sup>51</sup>. Contrapondo sua concepção a tradições que descendem tanto de Spencer como de Marx, Bobbio repudia expressamente qualquer crença na necessidade do progresso — sobretudo nesse ponto. Vista como um todo, a história revela, mais que o artifício da razão — o bem involuntário sendo gerado pelo mal voluntário — a malignidade da desrazão — o mal involuntário sendo desencadeado pelo bem voluntário<sup>52</sup>. Adotando, em lugar dessas tradições, até mesmo as idéias de um pensador como De Maistre, o pensamento de Bobbio é um liberalismo que acolhe simultaneamente discursos socialistas e conservadores, revolucionários e contra-revolucionários.

### 3. A democracia atualmente existente: duas críticas

Qual foi, então, o formato das intervenções teóricas de Bobbio ao longo dos últimos 30 anos? O fio condutor do que ele escreveu nesse período foi uma defesa e uma ilustração da democracia enquanto tal. Essa democracia ele define comportamentalmente, mais que substantivamente. Quais os critérios da democracia de Bobbio? Essencialmente, são quatro. Em primeiro lugar, sufrágio adulto igual e universal; em segundo, direitos civis que assegurem a livre expressão de opiniões e a livre organização das correntes de opinião; em terceiro, decisões tomadas por uma maioria numérica; e em quarto, garantias dos direitos das minorias contra qualquer abuso por parte da maioria. Definida desse modo, insiste Bobbio incansavelmente, a democracia é um método, a forma de uma comunidade política, e não sua substância. Mas nem por isso ela deixa de ter um valor histórico transcendente. O marxismo, argumenta ele, sempre cometeu o erro básico de subestimá-lo, na medida em que o materialismo histórico ocupou-se de uma questão inteiramente diferente: a questão de quem exerce o poder numa determinada sociedade, e não da maneira como o exerce. Para Marx e Lenin, essa segunda problemática — que Bobbio denomina o problema antes dos objetos do que das instituições do poder — encobriu inteiramente a primeira, a ponto de gerar uma confusão fatal entre ditadura entendida como qualquer dominação de uma parte ou classe de uma sociedade sobre outra, e ditadura entendida como o exercício da

(49) *Stato, Governo, Società*, Turim, 1985, pp. 119-125; *Quale Socialismo?*, pp. 39-40; WS, pp. 62-63, 187-190.

(50) *Saggi sulla Scienza Politics*, p. 217.

(51) Ou seja, o investimento de um monopólio de força armada num único super-Estado com jurisdição global. Bobbio compara sua solução "jurídica" com o que classifica como solução "social" classicamente considerada pelo marxismo, em que a paz internacional é garantida pelo desaparecimento do Estado. Ele não afirma que isso significaria uma pacificação geral das relações sociais, visto que o Estado continua sendo uma "institucionalização da violência"; apenas, que isso criaria condições para a eliminação das armas nucleares, que hoje exigem uma objeção incondicional de consciência juntamente com uma rejeição da teoria da repressão, que as justifica. Ver *Il Problema della Guerra e le Vie della Pace*, Bolonha, 1979, esp. pp. 8-10, 21-50, 79-82, 114-116, 202-206.

(52) *Quale Socialismo?*, p. 102; WS, pp. 115, 209-212.

força política isenta de qualquer lei — na famosa definição de Lenin; ou seja entre dois significados inteiramente diferentes do termo — enquanto ordem social num sentido genérico, e enquanto regime político num sentido mais estrito<sup>53</sup>. Bobbio observa que houve uma tradição pré-marxista que aceitava a necessidade de uma ditadura revolucionária para mudar a sociedade — tradição essa que vai de Babeuf a Buonarrotti até chegar a Blanqui. A novidade do marxismo foi o fato de ter transformado essa noção clássica de ditadura — um governo ao mesmo tempo excepcional e efêmero, na concepção dos romanos — na substância universal e inalterável de todos os governos anteriores ao advento do comunismo, ou seja, de uma sociedade sem classes.

Em oposição a essa fusão teórica, Bobbio sublinha a importância insubstituível da emergência de instituições liberais — parlamentos e liberdades cívicas — no interior do que é efetivamente uma sociedade de classes, dominada por uma camada capitalista, só que exercendo sua dominação no interior de uma estrutura reguladora que garanta determinadas liberdades básicas a todos os indivíduos, seja qual for a classe a que pertençam. Essa democracia política representa, histórica e juridicamente, um anteparo indispensável contra abusos de poder. Liberal em suas origens no século anterior, continua a ser liberal em seu formato institucional neste século. "Quando uso o termo democracia liberal, não é num sentido limitativo", escreve ele — visto que não seria possível a existência de algo como uma democracia não liberal —, mas para denotar "a única forma possível de uma democracia efetiva"<sup>54</sup>. A função essencial de uma tal democracia é assegurar a liberdade negativa dos cidadãos em relação à prepotência — existente ou possível — do Estado: sua possibilidade de fazer o que queiram sem impedimento legal externo. Essa garantia tem mecanismos duais, estruturalmente indissociáveis: por um lado, direitos civis a nível de indivíduo, por outro, uma assembléia representativa a nível de nação. O elo entre ambos constitui o que Bobbio denomina núcleo irreduzível do Estado Constitucional, seja qual for o cômputo exato dos votos nas diferentes épocas de sua existência. Enquanto tal, forma um legado que pode ser utilizado por qualquer classe social. Sua origem histórica, argumenta Bobbio, é tão irrelevante para sua utilização contemporânea quanto a de qualquer instrumento tecnológico, seja ele o telefone ou a ferrovia. Não há justificativa para que a classe trabalhadora não possa apropriar-se desse complexo em sua própria construção do socialismo, e tem a mais forte razão para fazê-lo. Porque, na opinião de Bobbio, como ele próprio diz, fazendo eco deliberadamente às máximas do materialismo histórico, "as instituições liberais pertencem àquela cultura material cujas técnicas é essencial transmitir de uma civilização para outra"<sup>55</sup>.

(53) *Política e Cultura*, pp. 150-152.

(54) *Ibid.*, p. 178.

(55) *Ibid.*, pp. 153-154, 142.

#### *Democracia representativa versus democracia direta*

Em sua polémica com Della Volpe e Togliatti, evidentemente Bobbio não teve qualquer dificuldade em demonstrar o contraste existente entre esse elo institucional liberal e a situação na União Soviética, onde se proclamava uma ditadura do proletariado — para ele uma ditadura *tout court* completa, com "a fenomenologia do despotismo de todos os tempos", o oposto de qualquer tipo de democracia<sup>56</sup>. Mas esse contraste inicial abrangera apenas metade de sua intenção polémica. Porque ao longo do tempo a democracia liberal também precisava ser distinguida e defendida de um outro inimigo, ou pelo menos de um outro mo-

(56) *Ibid.*, p. 157.

delo. Qual? Bobbio sempre insistiu em que a democracia liberal é necessariamente representativa ou indireta. A única alternativa formalmente concebível para tal, portanto, seria uma democracia delegada ou mais direta. Por volta da década de 70, encontravam-se poucos defensores da ditadura — supostamente proletária ou outra — na Itália. Mas não eram tão raros os que acreditavam ser possível uma forma mais direta de democracia do que a ordem parlamentar vigente. Essas pessoas ansiavam por uma democracia conciliar que fosse tão adequada estruturalmente a um socialismo avançado quanto era a democracia representativa para o capitalismo avançado. Foram elas o alvo real das intervenções teóricas de Bobbio entre 1975 e 1978. Seu ataque central dirigia-se contra o que chamava "fetiche" da democracia direta. Não negava a longa linhagem dessa idéia, da Antiguidade a Rousseau, antes de sua integração à tradição do materialismo histórico. Mas rejeitava sua validade ou aplicabilidade às sociedades industriais de hoje em dia.

Quais seus argumentos contra ela? Eram de dois tipos — estruturais e institucionais. No plano histórico geral, Bobbio reitera a história bem conhecida de que a escala e a complexidade dos estados modernos eram suficientes para impossibilitar *ab initio*, por razões técnicas, a participação popular direta nas tomadas de decisão nacionais. O que não significa, prossegue, que por essa razão ele considere o estado representativo existente o *nec plus ultra* da evolução democrática. A democracia representativa e a democracia direta não são antíteses, mas compõem uma sucessão de formas. Nessa sucessão, "não há forma que seja boa ou má num sentido absoluto, mas cada uma delas é boa ou má segundo a época, o lugar, as questões, os agentes"<sup>57</sup>. Essa contextualização aparentemente abrandaria a rigidez da comparação inicial de Bobbio entre democracia representativa e democracia direta. Mas na prática ele critica ou rejeita toda forma institucional específica de democracia direta que discute. Em primeiro lugar, podem ser aceitáveis os plebiscitos — principal elemento dessa democracia na Constituição italiana do pós-guerra, elemento esse que a distingue de outras constituições mais conservadoras em outros países da Europa Ocidental — para consultas infrequentes à opinião pública sempre que essa última esteja dividida em dois lados mais ou menos equivalentes em relação a algum problema simples e de grandes proporções. Mas são totalmente inadequados para o grosso do trabalho legislativo, que excede de longe a capacidade do cidadão comum de manter-se interessado pelos negócios públicos — pois os eleitores não têm condições de pronunciar-se sobre uma nova lei todos os dias, como a Câmara de Deputados italiana é obrigada a fazer. Além disso, nos plebiscitos — afirma Bobbio — o eleitorado fica atomizado, privado de seus guias ou mediadores normais sob a forma de partidos políticos. Por essa razão, deplorou sua multiplicação durante os últimos anos<sup>58</sup>.

As assembléias populares — tal como concebidas por Rousseau no passado — tampouco são viáveis enquanto mecanismos de uma democracia direta nas sociedades modernas. Praticáveis, na melhor das hipóteses, nas pequenas cidades-estados da Antiguidade, essas assembléias são fisicamente impossíveis nas cidades-estados contemporâneas, com seus milhões de membros. Mais ainda: mesmo quando funcionaram durante um breve período de tempo a nível local, em cenários pequenos, com grande frequência mostraram-se facilmente desvirtuáveis através da demagogia ou do carisma, como demonstrou a triste experiência do movimento estudantil. Os mandatos revogáveis, por sua vez — elemento essencial à concepção de uma democracia mais direta para Marx ou Lenin — são, segundo Bobbio, ativamente execráveis, pois são historicamente típicos das autocracias em que o tirano pode afastar seus funcionários a qualquer momento. Seu complemento

(57) *Quale Socialismo?*, p. 98; WS, p. 112.

(58) *Quale Socialismo?*, p. 59; WS, p. 79; "La Crise Permanente", pp. 10-11, onde Bobbio descreve o "estouro" de plebiscitos da década de 70 como culpado de "lesa-democracia".

positivo, o mandato imperativo, por outro lado, existe de *facto* no parlamentarismo europeu moderno, sob a forma da disciplina férrea exercida pelos partidos sobre seus representantes, e, como tal, é um ponto fraco, a ser lamentado, da democracia já existente em lugar de ser um ponto forte de qualquer democracia futura. A própria noção de um mandato comprometido, para Bobbio, é incompatível com o princípio de que os deputados representam interesses gerais, mais que setoriais, segundo ele essencial para a democracia parlamentar<sup>59</sup>. Assim, o fato de ele admitir a integração de elementos da democracia direta às instituições representativas na qualidade de complementos é, em grande parte, nominal. O único exemplo concreto que menciona com aprovação é uma reunião de alguma categoria profissional. O espírito de sua posição se expressa no repúdio da própria idéia de democracia direta por Bernstein e Kautsky, que ele cita como inspiradores de sua visão pessoal do problema<sup>60</sup>.

(59) *Quale Socialismo?*, pp. 59-62; WS, pp. 80-82.

(60) *Il Futuro della Democrazia*, pp. 34-41; FD, pp. 47-52; *Quale Socialismo?*, pp. 94-95; WS, pp. 109-110.

*Promessas não cumpridas e isolamento da democracia*

Defesa da democracia representativa; crítica da democracia direta; rejeição da ditadura revolucionária. Em suas linhas gerais, os temas de Bobbio até esse ponto poderiam ser comparáveis à doutrina de qualquer liberal lúcido, ou lidos como uma adesão mais ou menos incondicional ao status *quo* ocidental. Onde começa seu não-conformismo, para não mencionar seu socialismo? Esse pode ser encontrado em sua crítica da democracia representativa tal como a temos — e que ele, sob outros aspectos, elogia. Aí se situa o ponto realmente nevrálgico do pensamento de Bobbio, onde se podem ver com maior clareza as tensões intelectuais que o permeiam, conferindo-lhe todo o seu interesse político e teórico. Porque por um lado Bobbio enumera uma série de processos objetivos que, segundo ele, tendem a diminuir e minar a democracia representativa tal como ele a valoriza: o esquema clássico de um Estado constitucional-liberal baseado no sufrágio adulto universal, o modelo que se generalizou em toda a região capitalista avançada depois da II Guerra. Quais são esses obstáculos crescentes para o funcionamento da democracia representativa? Eles podem ser resumidos aproximadamente como a seguir.

Em primeiro lugar, a autonomia do cidadão individual foi completamente eclipsada pela predominância da organização em ampla escala. A dimensão e a complexidade das sociedades industriais modernas necessariamente tornam impraticável o tipo de combinação das vontades individuais numa vontade coletiva preconizada pelo pensamento democrático liberal clássico. Em seu lugar emerge um conflito de agrupamentos consolidados e oligárquicos cuja ação recíproca — seja a nível político-partidário, seja a nível sócio-econômico — caracteristicamente assume a forma de uma barganha corporativa que mina o próprio princípio da livre representação tal como entendido por Burke ou Mill. O ingresso das massas no sistema político, com o advento do sufrágio universal, não neutralizou essas tendências. Em vez disso, acabou gerando uma burocracia hipertrofiada no interior do Estado, resultante das justificadas pressões populares pela criação de administrações voltadas para o bem-estar social e a segurança social, que em seguida, paradoxalmente, tornam-se ainda mais atravancadoras e impermeáveis a qualquer controle democrático. Enquanto isso, os avanços tecnológicos das economias ocidentais fazem com que sua direção e coordenação governamental passe a ser uma

função cada vez mais complexa e especializada. Como resultado, abre-se um fosso intransponível entre a competência — ou melhor, a incompetência — da maioria esmagadora dos cidadãos nessa área, e as qualificações dos poucos que efetivamente conhecem alguma coisa da questão: em consequência, é inevitável a constituição de uma tecnocracia. Além disso, os cidadãos das democracias ocidentais, por sua vez, tendem a afundar cada vez mais na ignorância cívica e na apatia; estado em que a mídia dominante da distração comercial e da manipulação política trata cuidadosamente de mantê-los. Como consequência, os eleitores concretos evoluem em sentido diametralmente oposto ao dos indivíduos instruídos e politicamente ativos que deveriam ter sido a base humana de uma democracia operativa, na concepção dos teóricos clássicos do liberalismo. Finalmente — e aqui Bobbio faz eco a uma opinião muito difundida na década de 70 —, a combinação das múltiplas pressões corporativas, do peso irredutível da burocracia, do isolamento dos tecnocratas, da massificação da cidadania, constitui uma "sobrecarga" de exigências entrelaçadas sobre o sistema político que sabota sua capacidade de tomar decisões efetivas, tendo como resultado a paralisia e o descrédito crescentes desse sistema<sup>61</sup>.

Essa é a primeira linha de críticas que Bobbio assesta sobre nossa ordem política atual. Ele resume o ponto central de suas acusações ao falar das "promessas não cumpridas" da democracia representativa — as expectativas de liberdade que ela foi incapaz de honrar. Mas ao mesmo tempo insiste: essas promessas jamais poderiam ter sido cumpridas. Isso porque os obstáculos históricos contra os quais elas se esfacelaram não foram contingentes. Para Bobbio, todos os processos que enumera tão profusamente — processos esses que frustraram as esperanças dos teóricos clássicos da democracia liberal — são implacáveis: são transformações objetivas de nossas condições de coexistência social das quais ninguém pode escapar. São, por assim dizer, deficiências *necessárias* da democracia representativa estabelecida.

Mas ao mesmo tempo, por vezes nos mesmos textos, Bobbio faz uma série de críticas a essa democracia cujo efeito é diametralmente oposto. No caso, sua objeção à democracia parlamentar contemporânea não se dirige às promessas que ela deixou de cumprir, mas às promessas que nunca fez. Porque o que Bobbio observa nesse registro é a ausência geral de qualquer democracia nas sociedades ocidentais, fora do âmbito das instituições legislativas propriamente ditas. Os parlamentos são mantidos, numa ou noutra posição, num rígido cabresto estrutural. Por outro lado, o próprio Estado inclui aparatos administrativos de espírito profundamente autoritário, os quais, de acordo com seu ponto de vista, caracteristicamente preexistiam ao surgimento da democracia representativa e continuam em ampla medida recalcitrantes a ela. "O que chamamos, no interesse da brevidade, 'estado representativo' sempre teve que haver-se com a existência de um estado administrativo que obedece a uma lógica de poder inteiramente diferente, que desce do alto em vez de subir de baixo, que é secreta em vez de ser pública, que se apóia na hierarquia em vez de apoiar-se na autonomia" — e "o primeiro jamais conseguiu submeter inteiramente o segundo"<sup>62</sup>. Exército, burocracia e serviços secretos constituem a face oculta da democracia parlamentar. "Mesmo a melhor das constituições mostra apenas a fachada do imenso e complicado edifício do Estado contemporâneo. Revela muito pouco ou coisa alguma do que está por trás dele ou dentro dele. Para não mencionar os porões que estão por baixo dele"<sup>63</sup>.

À parte o Estado, além disso, as instituições características da sociedade civil apresentam uma falta de democracia praticamente uniforme. Os princípios re-

(61) Ver *Il Futuro della Democrazia*, pp. 10-24; FD, pp. 28-39: em certos aspectos, aqui a discussão de Bobbio é menos bem articulada do que costuma ser — na realidade, do ponto de vista analítico, não há grande diferença entre suas "promessas não cumpridas" e seus "obstáculos imprevistos".

(62) *Quale Socialismo?*, p. 63; WS, pp. 82-83.

(63) *Le Ideologie e il Potere in Crisi*, p. 170.

representativos ocupam um espaço relativamente pequeno na vida social como um todo. Em fábricas, escolas, igrejas ou famílias, a regra continua sendo algum tipo de autocracia. Bobbio não trata a ausência de democracia nesses âmbitos como tendo um significado intercambiável. As questões que enfatiza são as do marxismo clássico. Observando que "as instituições que o cidadão consegue controlar são cada vez mais fictícias enquanto centros de poder", ele escreve que "os vários centros de poder de um Estado moderno, um empreendimento tão grande, ou os instrumentos máximos de poder real, como o exército e a burocracia, não estão sujeitos a um controle democrático"<sup>64</sup>; "o processo de democratização sequer começou a arranhar a superfície dos dois grandes blocos de poder hierárquico e descendente de toda sociedade complexa, as grandes corporações e a administração pública"<sup>65</sup>. Seu veredicto global sobre o equilíbrio de poderes no interior da ordem ocidental é inequívoco: "Mesmo numa sociedade democrática, o poder autocrático está muito mais disseminado que o poder democrático"<sup>66</sup>.

(64) *Quale Socialismo?*, p. 17; WS, p. 43.

(65) *Il Futuro della Democrazia*, p. 47; FD, p. 57.

(66) *Quale Socialismo?*, p. 100; WS, p. 113.

Para corrigir essas configurações autocráticas, Bobbio advoga uma democratização da vida social como um todo. Com isso refere-se em primeiro lugar à disseminação dos princípios de democracia representativa, não de democracia direta: ou seja, a extensão dos direitos de livre organização e decisão, hoje restritos à eleição política, para as células básicas da existência cotidiana — trabalho, educação, lazer, vida doméstica — dos cidadãos, em toda parte onde for possível praticar essa extensão. "O problema atual da democracia", escreve ele, "já não diz respeito a 'quem' vota, mas a 'onde' votamos"<sup>67</sup>. Colocar essa segunda questão hoje não é utópico, pois Bobbio argumenta que o próprio desenvolvimento social tende para sua resolução. Por isso ele escreve que "estamos testemunhando a extensão do processo de democratização" — um processo em que "formas bastante tradicionais de democracia, como a democracia representativa, então se infiltrando em espaços novos, ocupados até agora por organizações hierárquicas ou burocráticas". Nessas circunstâncias, observa, "Acredito que se justifique falar em um autêntico momento decisivo na evolução das instituições democráticas"<sup>68</sup>.

(67) *Quale Socialismo?*, p. 100; WS, p. 114.

(68) *Il Futuro della Democrazia*, pp. 43-45; FD, pp. 54-56.

#### *A antinomia não resolvida*

Agora a contradição — a incompatibilidade fundamental — desse registro do pensamento de Bobbio com o anterior fica evidente. Aqui ele insiste em deficiências ou limites *desnecessários* da democracia representativa. Ou seja, detém-se em deficiências que apresenta como sendo potencialmente superáveis através de uma extensão dos próprios princípios democráticos para além dos limites atualmente existentes — de modo a impregnarem mais profundamente o Estado e atingirem a sociedade civil. Não pode haver dúvida quanto à sinceridade de suas propostas. Mas como uma tal crítica pode ser relevante para uma ordem política incapaz sequer de realizar seus próprios princípios *no interior* de seus limites atuais — e não por falta de vontade subjetiva, mas sob o peso de irresistíveis pressões objetivas? *Ou bem* a democracia representativa está fatalmente destinada a uma contração de sua substância; *ou bem* ela é potencialmente receptiva a uma extensão dessa substância. As duas coisas não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. Vez que outra Bobbio parece perceber isso e tenta amenizar a dificuldade com fórmulas como: "tanto mais buscamos democracia quanto mais as condições em que nos encontramos tornam difícil sua obtenção"<sup>69</sup>. Mas essas percepções são

(69) *Quale Socialismo?*, p. 46; WS, p. 69.

fugazes. No todo, Bobbio não parece estar realmente consciente do quanto essa contradição é radical e central para seu discurso. A antinomia básica de sua teoria de democracia jamais se transforma no objeto direto de uma reflexão sobre seu significado.

Como vamos explicar isso? A resposta, aparentemente, é que essa contradição é exatamente o resultado involuntário da posição característica de Bobbio, na confluência das três diferentes correntes de pensamento discutidas acima. Com efeito, o que acontece é que ele submete seu ideal proposto — a democracia liberal — a dois tipos de crítica opostos e antagônicos. O primeiro é conservador: em nome de um realismo sociológico que muito deve a Pareto e Weber, identifica todos aqueles fatores que tendem impiedosamente a esvaziar o estado representativo de sua vitalidade e de seu valor, tornando-o sempre uma sombra decepcionante dele mesmo. O segundo é socialista: em nome de uma concepção de emancipação humana (e não apenas política) derivada de Marx, identifica todas as áreas de poder autocrático nas sociedades capitalistas que o estado representativo deixa completamente intocadas, privando-se a si mesmo, desse modo, das únicas bases sociais que haveriam de transformá-lo numa autêntica soberania popular. Bobbio sobrepeõe as duas concepções sem conseguir sintetizá-las. Na realidade, elas são inconciliáveis.

Sendo assim, poderíamos supor que o próprio Bobbio não conseguiria manter um equilíbrio entre as duas — a tentação de um realismo conservador e a solicitação de um radicalismo socialista. Para perceber o desfecho de seu pensamento nesse ponto é necessário fazer-lhe a pergunta que dá título a um de seus ensaios mais importantes. Que socialismo, afinal, defende Norberto Bobbio? À primeira vista, a resposta parece bastante óbvia: uma social-democracia moderada. O próprio Bobbio praticamente propõe tal definição. Um dos temas recorrentes de seus escritos foi uma comparação entre os benefícios que a Europa do norte obteve com um governo social-democrata que realizou reformas efetivas, e as atribulações por que passou a Itália devido às divisões de um movimento trabalhista incapaz de fazer frente à arrogância e à corrupção da hegemonia democrata-cristã. Na década de 50, Bobbio, invocou indiretamente a experiência positiva da administração Attlee na Grã-Bretanha contra o PCI<sup>70</sup>. Na década de 60, descreveu o período de formação da política italiana na fase posterior à I Guerra como uma época de trágico extremismo, em que as forças opostas mas relacionadas da direita subversiva e da esquerda subversiva sobrepujaram os impulsos — de qualidade superior — do conservadorismo moderado e do reformismo moderado, com consequências desastrosas para a democracia italiana<sup>71</sup>. Na década de 70, criticou a defesa formal do PCI de uma "Terceira Via" entre o stalinismo e a social-democracia como sendo uma retórica estrategicamente vazia, que servia apenas para encobrir a necessidade de uma opção claramente definida entre os métodos ditatoriais e os democráticos de mudança social — não havia opção possível além deles. As declarações que invocavam a especificidade da Itália como ponto de partida para uma Terceira Via privilegiada não passavam de presunção intelectual: como se aquele país atrasado — cujas especificidades relevantes eram apenas a máfia, a corrupção oficial, a sonegação de impostos, a ineficiência burocrática e o clientelismo, a economia negra e o terrorismo — pudesse ensinar alguma coisa às sociedades mais modernas da Europa<sup>72</sup>. Na realidade, comentou Bobbio deixando discursos protocolares de lado, "como descrever a prática, até hoje, dos dois partidos mais importantes da esquerda italiana, senão como, na hipótese mais benevolente, social-democrática?" — "Digo benevolente porque, para falar a verdade, comparada à

(70) *Politica e Cultura*, p. 150.

(71) *Profilo Ideologico*, pp. 114-115.

(72) *Le Ideologie e il Potere*, pp. 124-125.

prática dos partidos social-democratas mais avançados, a centro-esquerda já vivida e o Compromisso Histórico meramente proposto só podem ser descritos, a primeira como um embuste, o segundo como um recuo". Concluiu seu veredicto sobre a Terceira Via dos anos Berlinguer com estas palavras: "Uma vez excluído o leninismo como inaplicável em sociedades avançadas — de todo modo diferentes da Rússia ou da China a ponto de não lhes poderem ser comparadas —, francamente não vejo como o movimento trabalhista italiano poderá evitar confluir para o grande rio da social-democracia, abandonando o projeto fascinante mas insondável de escavar um leito próprio — onde tudo indica que a corrente seria muito fraca em ímpeto e curta em trajetória"<sup>73</sup>.

O endosso da social-democracia por Bobbio, aparentemente indiscutível nessa avaliação, diz respeito, não obstante, a métodos, mais que a objetivos. Não subscreve o tipo de sociedade presidida até o presente momento pela social-democracia no Ocidente, e tampouco exclui a possibilidade de um terceiro (ou de um quarto, ou quinto, observa ele) modelo de sociedade, alternativo e preferível aos dois modelos antagônicos atualmente existentes, enquanto diferente de uma terceira via que leve a um tal modelo. O ponto essencial é que qualquer avanço rumo ao socialismo em países com instituições liberais precisa preservar essas instituições e desenvolver-se por meio delas. O realismo histórico de Bobbio não lhe permite negar que existiram outras vias para a derrota do capitalismo em outros períodos ou outras regiões. A democracia não é um valor supra-histórico. "O método democrático é um bem precioso, mas não é apropriado para todas as épocas e todos os lugares." Em especial, podem ocorrer situações de emergência ou de levante revolucionário, "transições violentas de uma para outra ordem", em que ele é inaplicável<sup>74</sup>. Bobbio não alimenta ilusões de que a própria ordem liberal tenha passado a existir liberalmente. Foi forjada numa "luta áspera" contra os *anciens régimes* por uma "minoría de intelectuais e revolucionários" — e seu episódio de fundação foi o "produto sangrento" da "multiplicação de seitas religiosas e movimentos políticos" da Guerra Civil inglesa<sup>75</sup>. Do mesmo modo, a base da ordem democrática que acabou por sucedê-la, a lei da maioria que os Levellers foram os primeiros a vislumbrar, "geralmente não teve, ela própria, sua gênese na decisão de uma maioria"<sup>76</sup>. A capacidade de Bobbio de registrar as origens insurgentes do *Rechtsstaat* ou a matriz coercitiva de uma democracia consensual não é apenas um indício de sua independência das devoções *bien-pensant* de tipo convencional. Também reflete um traço de seu realismo oriundo da tradição dos teóricos italianos da elite. Embora essa tradição tenha se originado com a roupagem saturnina do conservadorismo de Mosca e Pareto, na geração seguinte ela passou às mãos de democratas moderados — homens como Burzio e Salvemini, dos quais Bobbio veio a assimilá-la sem escrúpulos. "Que regime não é fruto das vanguardas conscientes e organizadas?", perguntou ele uma vez a um interlocutor comunista<sup>77</sup>. "As mudanças qualitativas na história, ou os processos revolucionários, são obra de minorias."<sup>78</sup>

### *Caminhos para o socialismo*

Mas uma vez estabelecida uma ordem política democrática, Bobbio exclui — taxativamente — sua transformação por qualquer cenário similar. O passado de uma democracia liberal é considerado com frio historicismo; seu presente, com

(73) *Ibid.*, pp. 126-127.

(74) *Quale Socialismo?*, p. 74; WS, p. 91.

(75) *Política e Cultura*, p. 55; *Liberalismo e Democracia*, Milão, 1985, p. 35. Este último texto contém a mais extensa discussão de Bobbio das variantes e vicissitudes históricas do liberalismo do século XIX, incluindo uma arguta avaliação de Mill.

(76) *Liberalismo e Democracia*, p. 36; "Democracia e Maggioranza", *Revue Européenne des Sciences Sociales*, XIX, 1981, n.º 54-55, p. 378.

(77) *Política e Cultura*, p. 55.

(78) "La Regola di Maggioranza e i suoi Limiti", in V. Dini (ed.), *Soggetti e Potere*, Nápoles, 1983, p. 20.

absolutismo categórico. A influência de Croce — famoso pelo *sang-froid* de sua história da liberdade, servida mesmo por crimes contra ela — inspira a primeira atitude; um recurso à teoria dos direitos naturais, rechaçada por Croce, subjaz à segunda. Quando toca tacitamente afinado por dois registros — o idealismo ítalo-alemão e o empirismo anglo-francês —, Bobbio, sem dúvida, é inconsistente. Mas não está indo contra um liberalismo comum, que virtualmente exige alguma combinação desse tipo<sup>79</sup>. Para ele a dificuldade surge no passo seguinte. Porque todos os países onde predomina a democracia liberal são capitalistas. Como, então, chegar ao socialismo dentro desse quadro? A honestidade e a lucidez de Bobbio não lhe permitem eludir ou camuflar o problema. Ele não dá uma resposta incisiva a isso — aqui as hesitações de seu pensamento são muito evidentes. Mas ao fim e ao cabo, a conclusão para a qual se inclina não deixa lugar a dúvidas. Porque ele considera as duas únicas estratégias coerentes para um socialismo significativo que tem à disposição. Descreve-as como reformas estruturais feitas de cima para baixo e ampliação da participação democrática de baixo para cima. Como se pronuncia sobre elas? Exprime um ceticismo letal em relação às duas. Ao escrever sobre reformas estruturais, pergunta: "Vamos supor que uma série de reformas parciais possa resultar em uma transformação total: até que ponto o sistema está preparado para aceitá-las? Quem pode excluir a possibilidade de que a tolerância do sistema tem um limite, além do qual ele começará a desmoronar, em lugar de dobrar-se? Se aqueles cujos interesses são ameaçados reagem com violência, o que há a fazer exceto responder com violência?"<sup>80</sup>. Em outras palavras, os mecanismos centrais da acumulação e da reprodução capitalista podem ser inerentemente resistentes a mudanças constitucionais, impondo uma opção básica que cinde a própria noção de reforma estrutural: ou bem respeitar as estruturas, ou bem transgredir as reformas. O próprio Bobbio jamais demonstrou maior interesse na estratégia de reformas estruturais, cuja história vem desde os debates belgas e franceses na década de 30. Mas muitas vezes ele se deteve sobre a perspectiva de uma democratização progressiva da sociedade civil, como já vimos. Poder-se-ia esperar, portanto, que ele fosse mais incisivo quanto ao potencial dessa estratégia. Mas na realidade sua conclusão é igualmente desanimadora. "Há boas razões para se suspeitar que uma extensão progressiva da base democrática de nossa sociedade irá encontrar uma barreira intransponível — digo intransponível no interior do sistema — nos portões das fábricas"<sup>81</sup>. O espaço para a reforma radical está vedado justamente pelas características da ordem econômica que a exige. Essas dúvidas, convergentes em sua lógica, efetivamente tendem a frustrar as perspectivas de caminho democrático-parlamentar para o socialismo com o qual Bobbio está formalmente comprometido.

A essas dúvidas, ademais, somam-se outras ainda mais radicais sobre qual seria o destino da democracia sob o socialismo, depois de atingida uma sociedade sem classes. Vimos que o liberalismo de Bobbio não é do tipo econômico: ele jamais mostrou maior atração pelo mercado. Mas pela mesma razão, tampouco mostrou maior interesse por alternativas econômicas para o mercado. O capitalismo enquanto sistema de produção, enquanto distinto de um conjunto de injustiças na distribuição, é, em alguns aspectos, pouco mais que um pano de fundo referencial levemente repreensível para Bobbio — rejeitado como um todo, mas jamais analisado. Consequentemente, quando ele pensa em socialismo, a mudança na propriedade dos meios de produção não está, em si, impregnada de valor positivo para ele. Ao contrário a socialização além dos limites da economia mista tende apenas a conjurar o espectro de um Estado todo-poderoso, agora senhor tanto

(79) A filosofia da lei de Bobbio revela a mesma tensão. Por um lado, enquanto expoente do positivismo legal ele foi mais decidido que o próprio Kelsen, apontando para o caráter historicamente contingente da "norma fundamental" desse último — que só pode ser considerada uma expressão da "ideologia liberal". Por outro lado, está de acordo com os valores do *Rechtsstaat* tal como concebidos essencialmente por Kelsen, e assim aproxima-se de uma posição a favor dos direitos naturais do tipo que foi objeto da crítica positivista original — embora transposta para o que Bobbio denomina "plano metajurídico". Para um delicado desemaranhamento das contradições consequentes, ver Sergio Cotta, "Bobbio: Un Positivista Inquieto", in Uberto Scarpelli (ed.), *La Teoria Generale del Diritto — Problemi e Tendenze Attuali*, Milão, 1983, pp. 41-55. O mesmo conflito entre uma rejeição intelectual e um compromisso político com os fundamentos da lei natural pode ser visto na maneira como Bobbio discute os direitos humanos. Para ele, os direitos humanos formam um amontoado mal definido, cambiante, muitas vezes internamente incompatível, de exigências — nenhuma das quais pode ser considerada "básica", visto que o que parece fundamental é sempre específico de uma determinada época ou civilização. Por outro lado, agora que todos os governos reconhecem sua codificação na Carta das Nações Unidas, os problemas de seu fundamento teórico resolveram-se com o advento de sua "universalidade factual" — assim, não é preciso justificá-los filosoficamente, apenas protegê-los politicamente. Em relação a essa sua maneira de cortar o nó górdico, ver "Sul Fondamento dei Diritti dell'Uomo" e "Presente e Avvenire dei Diritti dell'Uomo", in *Il Problema della Guerra e le Vie della Pace* (primeira edição), Bolonha, 1970, pp. 119-157.

da vida econômica, como da vida política — um velho temor liberal, naturalmente. O resultado é que Bobbio acaba predizendo que sob o socialismo não só a democracia vai encontrar os mesmos obstáculos que encontrava sob o capitalismo, como que os perigos a ameaçá-la serão ainda maiores: "Estou convencido de que numa sociedade socialista a democracia será ainda mais difícil"<sup>82</sup>. Conclusão paradoxal para um socialista democrático, para dizer pouco.

Mas essas duas reflexões — a provável inviabilidade de um caminho democrático para o socialismo e os maiores riscos para a democracia com o socialismo — dão um destaque involuntário à opção histórica final de Bobbio. Entre liberalismo e socialismo, ele na prática opta pelo primeiro. Às vezes justifica essa preferência com a afirmação de que na realidade ela é a mais radical. Em certo sentido, escreve ele, a democracia é uma idéia muito mais subversiva do que o próprio socialismo<sup>83</sup>. Hoje, essa afirmação não está de modo algum limitada a Bobbio. Sua maneira de resgatá-la, também, está muito disseminada — redefinir o socialismo como uma especificação setorial da democracia, ou uma instanciação local de um conceito de ordem mais alta. Assim, ele declara sua inclinação por uma concepção de socialismo que "ênfatize o controle do poder econômico através de uma extensão das regras do jogo democrático para a fábrica, ou a firma em geral, mais que a transição de um modo de produção para outro" que envolvesse uma "coletivização maciça dos meios de produção"<sup>84</sup>. A importância dessa colocação — que se tornou virtualmente um *topos* de discussões recentes — está na substituição que ela opera. A reconceitualização do socialismo como sendo essencialmente uma democracia econômica atende a um propósito duplo. Ao mesmo tempo, serve para apropriar a legitimação central da ordem política existente para a causa da mudança social, e para evitar o principal obstáculo ideológico à implementação de tal mudança: especificamente, a instituição da propriedade privada. Sua lógica é a de um embuste — a palavra que não quis pronunciar é expropriação. Como tal, tem uma longa tradição atrás de si. Na realidade foi o próprio Mill, provavelmente, o primeiro teórico explícito de tal concepção — vendo o socialismo como o crescimento gradual de uma democracia industrial que pudesse permitir-se deixar a propriedade capitalista dos meios de produção formalmente intacta, caso elevasse os trabalhadores a poderes gerenciais sobre esses meios de produção "sem violência ou expropriação"<sup>85</sup>. A mesma colocação intelectual, feita pelas mesmas razões, pode ser encontrada em Russell, para quem a "autogestão na indústria" era "o melhor caminho para a Grã-Bretanha chegar ao comunismo"<sup>86</sup>. Dewey tinha sua própria versão disso, procurando superar "métodos autocráticos de gerência" em empresas, métodos esses "danosos para a democracia" porque agiam contra a "comunicação efetiva, em termos de toma-lá-dá-cá" ou a "livre negociação"<sup>87</sup>. O ressurgimento dessa substituição em Bobbio dá provas de sua permanência como *leitmotiv* de sucessivos esforços no sentido de unir liberalismo e socialismo. Se seu fruto prático até hoje foi relativamente pequeno, a razão, em parte, é que as mais importantes instituições sociais em geral não aceitam facilmente serem descartadas. As prerrogativas da propriedade privada formam um bastião imensamente forte da ideologia dominante sob o capitalismo, cujo poder positivo se fortalece ainda mais com a mensagem negativa inculcada pela divisão do trabalho — de que a hierarquia organizacional é a condição para a eficiência industrial. Juntas, essas duas até o presente momento sobrepujaram qualquer apelo por democracia econômica — que com grande presteza tornam *ultra vires*. Será fortuito o fato de que, contrariamente às extensões do direito de voto, a partir das quais os direitos de cogestão na indústria se modelaram otimisti-

(80) *Quale Socialismo?*, p. 85; WS, pp. 100-101.

(81) *Quale Socialismo?*, p. 85; WS, p. 101. Na realidade, recentemente a abrangência do ceticismo de Bobbio ampliou-se da fábrica para a sociedade civil como um todo. "A extensão das instâncias democráticas para a sociedade civil hoje me parece mais uma ilusão que uma solução": "Introduzione", *Il Sistema Politico Italiano tra Crisi e Innovazione*, p. 20. Comparar essa afirmação com a citação da nota 68.

(82) *Quale Socialismo?*, p. 83; WS, p. 99.

(83) *Quale Socialismo?*, p. 53; WS, p. 74.

(84) "La Filosofia Politica" — Entrevista, *Mondo-peraio*, janeiro, 1986, p. 115.

(85) A esperança de Mill era que as sociedades cooperativas viessem alcançar um sucesso tal que os trabalhadores passassem a mostrar-se cada vez menos desejosos de trabalhar apenas em troca de salários. Nessas circunstâncias, "tanto os capitalistas quanto as associações particulares acharão cada vez mais necessário fazer todo o corpo de trabalhadores participar dos lucros". Através desse processo, pensava ele, talvez acabasse ocorrendo "uma mudança na sociedade" que, "sem violência ou espoliação, ou até sem qualquer perturbação súbita dos hábitos e esperanças vigentes, realizaria, ao menos no departamento industrial, as mais altas aspirações do espírito democrático" — acabando por dispor os capitalistas a emprestar seu capital aos trabalhadores "a uma taxa decrescente de juros e, talvez, finalmente, até a trocar seu capital por anuidades amortizáveis". Mill desenvolveu essas concepções nas edições de 1852 e 1865 de seus *Principles of Political Economy*: ver *Collected Works*, Vol. III, Toronto, 1965, p. 793. Dentre os escritores modernos, Dahl talvez seja o mais próximo em inspiração ao Mill apresentado aqui. Ver seus argumentos a favor da propriedade cooperativa e sua concepção de avanços experimentais que levam a ela in *A Preface to Economic Democracy*, pp. 148-160.

camente, esses direitos tão raramente tenham se mostrado cumulativos (se é que algum dia se mostraram) —, sendo facilmente diluídos ou revogados?

### *A permanência do capitalismo*

Bobbio é realista demais para não se dar conta dessas dificuldades. Sua afirmação de que a democracia é mais subversiva que o socialismo é mais tática que sistemática. Seu pensamento real pode ser encontrado em outro lugar. Sua verdadeira convicção é exatamente o oposto. "A aceitação de um regime democrático pressupõe a aceitação de uma ideologia moderada", declara ele<sup>88</sup>. Porque "decisões da maioria numa ordem política baseada no sufrágio universal permitem alterações no sistema, mas não permitem uma alteração do sistema"<sup>89</sup>. A permanência do capitalismo como ordem social torna-se, em outras palavras, uma premissa de qualquer participação efetiva no estado representativo. Paradoxalmente, como o próprio Bobbio observa com toda sinceridade, isso não significa que se o capitalismo for intocável, a democracia automaticamente torna-se inviolável. A história mostrou que as coisas são diferentes: "não se pode mudar através de um salto qualitativo executado pela democracia, mas se pode morrer de democracia"<sup>90</sup>. Se ainda resta identificar uma via parlamentar para o socialismo, as experiências italiana e alemã do entre-guerras são um lembrete de que existe uma via parlamentar para o fascismo. Essa incômoda realidade precisa ser encarada. Para Bobbio, o fato não qualifica o valor da democracia liberal, mas destaca a necessidade de salvaguardas constitucionais para protegê-la.

Estas, finalmente, são sua preocupação mais duradoura. Acerca dos dois problemas — "quem governa e como governa?" — Bobbio declarou sem maiores cerimônias em 1975: "não é possível haver dúvidas de que o segundo sempre foi mais importante que o primeiro"<sup>91</sup>. *Sempre*. Em outras palavras, o que importa não é qual classe domina, mas a maneira como domina. Neste ponto torna-se manifesta a opção de Bobbio, ao nível mais profundo, pelo pólo liberal de seu pensamento. Pela mesma razão, das duas críticas da democracia representativa presentes em seus escritos, a conservadora, e não a socialista, pesa mais no final. Em seus escritos mais recentes, essa crítica chega a tender — numa imagem bem conhecida — a transformar-se numa apologia perversa. Assim, transformando a necessidade em virtude, Bobbio pode escrever: "A apatia política de modo algum é sintoma de crise num sistema democrático; geralmente é sinal de boa saúde"<sup>92</sup>. Ela significa uma "indiferença benévola" em relação à política enquanto tal, fundada no bom senso. Porque nas sociedades democráticas, as mudanças mais importantes geralmente não resultam absolutamente da ação política, e sim do progresso da capacitação tecnológica e da evolução das atitudes culturais — processos moleculares involuntários, mais que intervenção legislativa deliberada. Essa "transformação contínua" através das invenções sucessivas e do ajustamento do *mores* reduz muito o significado até mesmo do "reformismo tradicional", cuja importância a social-democracia, com toda a sua moderação, tipicamente, superestimou<sup>93</sup>. Nessas condições, é melhor aceitar a agenda política de competição limitada entre as elites que pôr em risco a estabilidade do quadro constitucional, sobrecarregando-o com exigências ambiciosas demais. Bobbio expressa essa idéia, com sua vivacidade habitual, na frase: "Não há nada que arrisque tanto matar a democracia quanto um excesso dela"<sup>94</sup>. Uma bela fórmula elitista.

(86) "Os capitalistas valorizam duas coisas, seu poder e seu dinheiro; dentre eles, muitos indivíduos valorizam apenas o dinheiro. É mais aconselhável concentrar-se primeiro no poder, como é feito com a busca de auto-governo na indústria, sem confisco das rendas capitalistas. Por esse meio os capitalistas são transformados gradualmente em inativos óbvios, suas funções ativas na indústria tornam-se nulas e finalmente eles podem ser despojados de seus bens sem deslocamento e sem a possibilidade de qualquer luta bem-sucedida de parte deles": *The Practice and Theory of Bolshevism*, Londres, 1920, p. 183. Convém observar-se que em outro texto Russell deu poucas razões para que se imaginasse que os capitalistas teriam tão pouco apreço por seu poder, enquanto diferente de sua renda — o tema de *Power: a Social Analysis* seria exatamente o oposto; ou para supor que uma solução óbvia para seus despojadores em perspectiva era não sê-lo, igualmente, para eles.

(87) *German Philosophy and Politics*, Nova York, 1942 (reedição), p. 46. Aqui, como em outros escritos, Dewey antecipou temas centrais da obra de Habermas. Afirmando que os Estados Unidos precisavam de uma filosofia que "articulasse os métodos e objetivos do estilo de vida democrático", opinou que "a filosofia que formular esse método deverá reconhecer o primado da comunicação" — dado que "preconceitos de situação econômica, raça ou religião ameaçam a democracia porque erguem barreiras à comunicação, ou defletem e distorcem sua operação": pp. 46-47.

(88) "La Filosofia Politica", p. 114.

(89) "La Regola della Maggioranza e i suoi Limiti", p. 20.

(90) *Ibid.*, p. 21.

(91) *Quale Socialismo?*, p. 38; WS, p. 61.

#### 4. Conclusões, questões

Como se devem avaliar esses compassos conclusivos? Seu significado pode ser buscado em dois níveis. Em um deles, sem dúvida refletem uma certa experiência biográfica que moldou Bobbio profundamente, e da qual ele tem uma consciência absoluta — ou seja, um desapontamento especificamente italiano. Em país algum da Europa ocidental, poder-se-ia dizer, as esperanças políticas colocadas na esquerda foram legitimamente mais altas quando a guerra foi chegando ao fim do que na Itália —, o que produziu a maior Resistência popular, o fermento intelectual mais vital, o mais amplo movimento trabalhista radical; um momento cuja memória possivelmente não tenha se extinguido de todo até hoje, com uma certa dose dele vivendo na aura internacional do PCI. Mas em nenhum outro país, igualmente, tais esperanças foram tão radicalmente frustradas ao longo das décadas subsequentes. Os textos de Bobbio formam um prisma cristalino dessa história. Em 1945, ele declarou que "o expediente do sufrágio universal encerra a experiência democrática sob a forma da democracia indireta", e em nome dos ideais federais de Cattaneo defendeu arduamente um avanço para a "democracia direta" através de uma "multiplicação das instituições de autogoverno"<sup>95</sup>. Vinte e cinco anos depois, quando voltou a publicar esse ensaio junto com outros, ele o introduziu com as palavras: "Não escondo de mim mesmo que o balancete de nossa geração foi desastroso. Perseguimos as 'seduções alcinescas' de Justiça e Liberdade; obtivemos muito pouca justiça e talvez estejamos perdendo a liberdade"<sup>96</sup>. Essas linhas foram escritas no amargo ano — para Bobbio — de 1970. Seus temores de que a liberdade conquistada com a Libertação viesse a mostrar-se "fútil", malbaratada pela ordem estabelecida e depois esmagada pela subversão terrorista contra ela, alcançaram seu ápice no período que se seguiu. Em meados da década de 80, ele analisou os piores perigos e teve condições de observar, aliviado, que a democracia italiana alcançava uma estabilização relativa. Os termos em que o fez, porém, tinham muito pouco de um tributo ao espírito cívico da nação: "Uma pessoa pode ser livre por convicção ou por simples hábito. Não conheço muitos italianos que sejam autênticos amantes da liberdade. Talvez haja uns poucos. Mas há muitos que, tendo respirado liberdade durante muitos anos, seriam incapazes de viver sem ela, mesmo que não a conheçam. Para usar uma expressão famosa de Rousseau, em outro contexto, os italianos vivem numa sociedade na qual — por razões que a maioria ignora ou vê com indiferença — são 'obrigados a ser livres' por forças maiores que eles"<sup>97</sup>.

Mas essa conclusão, que invalida as previsões mais apocalípticas de Bobbio na década precedente, não amenizou substancialmente sua avaliação histórica da República que lutou para criar. Vingando os valores da Resistência, uma batalha na qual "não estávamos enganados", recentemente ele evocou uma vez mais a brecha existente entre os "ideais de ontem" e a "realidade de hoje", escrevendo: "Aprendemos a encarar a sociedade democrática sem ilusões. Nem por isso ficamos mais satisfeitos. Ficamos menos exigentes. A diferença entre nossas preocupações de então e nossas preocupações atuais está toda aí. A qualidade de nossa vida comum não melhorou; na verdade, em certos aspectos, piorou. Nós é que mudamos, tornando-nos mais realistas e menos ingênuos"<sup>98</sup>. Essa confissão sincera explica muito do aparente ajustamento de Bobbio ao minimalismo desbotado da ordem representativa, na Itália, sua disposição para encontrar razões — ou consolos — para a paralisia do interesse popular por política, sob o governo de

(92) *Il Futuro della Democrazia*, p. 61; FD, p. 67.

(93) "Riformismo, Socialismo, Eguaglianza", *Mondoperaio*, maio de 1985, pp. 67-68.

(94) *Il Futuro della Democrazia*, p. 13; FD, p. 31. O pensamento tem a idade da oligarquia romana. De Cícero — "Liberdade de mais, em si mesma, reduz um povo livre à servidão": *Republic*, I, 68.

(95) "Stati Uniti d'Italia", republicado em *Una Filosofia Militante. Studi su Carlo Cattaneo*, Turim, 1971, p. 55. Em 1946, conta Bobbio, quando o Partito d'Azione atravessava sua crise interna, "manifestei-me violentamente contra a idéia de criar um partido de classe média que se limitasse a restaurar a velha democracia parlamentar que fora morta pelo fascismo". Ver sua contribuição recente ao número especial de *Il Ponte* sobre o liberal-socialismo: XLII, nº I, janeiro-fevereiro de 1986, p. 145 (um texto que também contém alguns comentários penetrantes sobre o destino do PSI).

(96) *Una Filosofia Militante*, p. xi.

(97) *Profilo Ideologico del Novecento Italiano*, p. 183.

(98) *Italia Civile*, p. 6.

elites cujo regime, em boa parte do tempo, significou pouco mais que pão e escândalos. Ele explicou sua própria visão sobre essa cena com uma franqueza caracteristicamente autocrítica. Depois de desenvolver a casuística da conformidade citada acima — o caráter benevolente da indiferença política, as pressões necessárias exercidas sobre as alternativas políticas —, observou: "Não sei se as reflexões que estive formulando aqui podem ser consideradas razoáveis e realistas de um modo geral. Mas sei que serão consideradas decepcionantes e desencorajadoras por aqueles que, diante da degradação da vida pública na Itália, do espetáculo vergonhoso da corrupção, da ignorância cabal, do carreirismo e do cinismo apresentados diariamente pela maioria de nossos políticos profissionais, julgam que os canais oferecidos pelo sistema são inadequados para o advento de reformas, quanto mais para uma transformação radical do próprio sistema". Dirigindo-se a essas pessoas, Bobbio prosseguiu: "Este escritor pertence a uma geração de pessoas que perderam suas esperanças há mais de 30 anos, pouco depois do final da guerra, e jamais as recuperaram, a não ser em momentos excepcionais, tão raros quanto efêmeros, e que não deram em nada. Ocorreram ao ritmo de um por década: a revogação da *Legge Truffa* (1953), a formação da Centro-Esquerda (1964), o grande renascimento do PCI (1975)". "Na qualidade de uma pessoa que passou por muitos anos de esperanças frustradas, aprendi a resignar-me a minha própria impotência... Mas aceito plenamente que esses argumentos não têm peso algum para os jovens da Itália, que não conheceram o fascismo e só conhecem esta nossa democracia, que é menos que medíocre, e assim não estão igualmente dispostos a aceitar o argumento do mal menor"<sup>99</sup>.

Esses sentimentos, e a experiência que está por trás deles, separam Bobbio de seus grandes predecessores. Não há razão para duvidar de sua sinceridade. Mas num aspecto eles são injustos com seu autor. Existe uma diferença entre ideal e influência. Desapontamento não é necessariamente impotência. As esperanças iniciais de Bobbio não se realizaram, mas é notável a frequência com que suas advertências finais foram ouvidas. Se comparamos sua crônica às de Mill, Russell ou Dewey, vemos claramente que ele jamais foi um pensador original no mesmo sentido. Ele é o primeiro a sublinhar o caráter derivativo de suas próprias idéias centrais, para ele uma característica comum da cultura italiana do pós-guerra, diferentemente da dos primeiros anos do século<sup>100</sup>. Mas seu impacto político em seu próprio tempo foi sem dúvida maior que o desses outros pensadores. Com efeito, Bobbio incutiu no PCI a idéia do eurocomunismo e previu sua adoção 20 anos antes que se concretizasse. Desempenhou um papel importante no abandono, pelo PSI, de seu passado marxista. Contribuiu para desencorajar o desafio da extrema esquerda no mesmo período. Antecipou o repúdio à noção de Terceira Via pelos dois maiores partidos do movimento trabalhista italiano. É difícil pensar em outro intelectual que tenha tido um efeito tão real e visível no clima político de seu país desde o final da guerra<sup>101</sup>. Numa sucessão de debates, Bobbio conquistou sua influência não só através de uma rara combinação de seus dotes de expressão e erudição, mas com transparência pessoal e probidade singulares. Mesmo ao defender posições cada vez mais neomodernas das críticas mais que justificadas de adversários radicais, sua superioridade moral e intelectual em relação a eles em geral era evidente.

Não obstante essa moderação ele acabou, como vimos, duvidando de todo o projeto de casar liberalismo e socialismo. Mill descreveu os esquemas socialistas como "quiméricos", antes da mudança de idéia que deu início à história das tentativas teóricas de uni-los aos princípios liberais. Bobbio, depois de participar do

(99) *Il Futuro della Democrazia*, pp. 64-65; FD, pp. 70-71.

(100) "Tudo o que foi feito então denota pressa, improvisação, e não tem originalidade. Éramos, na melhor das hipóteses, popularizadores." *Maestri e Compagni*, p. 26.

(101) A única exceção importante a esse registro só depõe a seu favor: sua oposição às armas nucleares. Ver seus comentários amargos sobre a completa indiferença da política e da cultura oficiais italianas em relação à questão na segunda edição de *Il Problema della Guerra e le Vie della Pace*, Milão, 1984, pp. 5-7: "aqueles que disparam o alarme são como cães latindo para a lua".

movimento prático do *Partito d'Azione* para concretizar tal socialismo liberal, acabou declarando-o "quimérico" — "uma simples veleidade grandiosa"<sup>102</sup>. Além das razões históricas para essa ironia, inscritas na própria experiência política de Bobbio, também havia uma razão intelectual. Desde o início, sua formação teórica incluiu não apenas uma tendência socialista, como também uma conservadora. Bobbio sempre se manteve sincera e admiravelmente progressista em suas simpatias e intenções pessoais: não importa o critério com que possa ser avaliado, foi sem dúvida um pensador iluminista de alta estatura. Mas o que seus escritos parecem mostrar é um conjunto de afinidades eletivas em ação, a despeito dessas intenções. Porque nos textos de Bobbio, o socialismo liberal revela-se uma construção instável: os dois elementos, liberalismo e socialismo, depois de aparentemente atraírem-se um ao outro, acabam separando-se — e no mesmo processo químico o liberalismo move-se em direção ao conservadorismo.

Até que ponto essa recombinação é representativa? Abstraindo-se todas as circunstâncias italianas, em que medida essas afinidades eletivas são operativas num sentido mais amplo — independentemente da vontade dos pensadores individuais — no pensamento político moderno? Enquanto termo, o liberalismo fez sua aparição no mundo como bandeira do 18 Brumário do Ano VIII, quando Napoleão acabou com a Revolução Francesa, declarando que assumia o poder para "proteger os homens de idéias liberais"<sup>103</sup>. Ao longo de todas as suas vicissitudes posteriores, é possível que esse motivo de origem jamais tenha desaparecido inteiramente. Mas também é verdade que o Primeiro Império gerou em outros lugares uma recepção mais radical da idéia — o mesmo termo inspirou, na Espanha, a primeira revolução européia contra a Restauração. Quando a Velha Ordem foi desafiada em escala continental, em 1848, teve início a tentativa recorrente de expandir o liberalismo para além dele próprio, para atender a novas classes sociais e novos valores. Até hoje, o que é surpreendente é a desproporção entre as credenciais intelectuais e os resultados políticos dos sucessivos projetos que se seguiram. Com toda a boa vontade e talento aplicados à idéia de sintetizar liberalismo e socialismo, até hoje ela não vingou. Não estou afirmando que isso deva ocorrer. As energias renovadas que a concepção atrai hoje em dia — pois quem iria querer um socialismo não liberal? — poderiam apontar em outra direção. Ainda é cedo para saber. Mas a compreensão da história do empreendimento, provavelmente, é uma condição para que ele seja retomado com bons resultados.

(102) *Una Filosofia Militante*, p. 201; *Liberalismo e Democrazia*, p. 62: "Enquanto a conjugação de liberalismo e socialismo não passou até hoje de uma veleidade grandiosa, a identificação crescente do liberalismo com as forças do mercado é uma realidade incontestável".

(103) Otto Brunner, Werner Conze, Reinhart Koselleck, eds. *Geschichtliche Grundbegriffe*, vol. III, Stuttgart 1982, pp. 749-751.

Perry Anderson é historiador e membro do comitê editorial da *New Left Review*. Já publicou nesta revista "Modernidade e Revolução" (nº 14).